



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

LORENA CRISTINA RIBEIRO NASCIMENTO

**A VARIAÇÃO PRONOMINAL NA BAHIA: CONDICIONADORES DE *TU* E *VOCÊ*
NA FALA POPULAR DE SALVADOR E AMARGOSA**

Salvador
2017

LORENA CRISTINA RIBEIRO NASCIMENTO

**A VARIAÇÃO PRONOMINAL NA BAHIA: CONDICIONADORES DE *TU* E *VOCÊ*
NA FALA POPULAR DE SALVADOR E AMARGOSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marcela Moura
Torres Paim

Salvador
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

LORENA CRISTINA RIBEIRO NASCIMENTO

**A VARIAÇÃO PRONOMINAL NA BAHIA: CONDICIONADORES DE *TU* E *VOCÊ*
NA FALA POPULAR DE SALVADOR E AMARGOSA**

Dissertação para obtenção do título de Mestra em Língua e Cultura.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso
Universidade Federal da Bahia

Prof^a Dr^a Norma da Silva Lopes
Universidade do Estado da Bahia

Prof^a Dr^a Marcela Moura Torres Paim
Universidade Federal da Bahia

Para a minha família, que está sempre me apoiando e vibrando com cada vitória alcançada.

Para Rafael, que a todo o momento me incentiva a fazer o meu melhor.

Para Pietro, minha criança. Espero que essa conquista, um dia, te inspire a galgar além.

AGRADECIMENTOS

Ter conseguido entrar no Mestrado foi uma grande conquista, e os obstáculos foram muitos. Desde o princípio, quando precisei tomar decisões que mudariam o rumo do meu futuro; pedia para Ele guiar os meus pensamentos e auxiliar as minhas decisões. Agradeço, então, primeiramente, a Deus, porque é na fé, que me fortaleço.

Agradeço à minha família, alicerces, pela força de sempre: aos meus pais, Aldacy Cristina e Antônio Jorge, pela educação, pois foi através da base e do incentivo que vocês me proporcionaram, que pude chegar onde estou. À minha avó, Avany, que é o amor da minha vida; aquela que vibra com o mínimo avanço dos netos e nos alegra com sua infinita bondade e alegria. Ao meu avô Agenor (*in memoriam*), que sei que está feliz por nós, onde quer que esteja. Às minhas tias Adijane, Alessandra e Marilda, pelo apoio, por estarem sempre dispostas a ouvir as peripécias desses dois anos na UFBA. À minha tia dinda, Ana Claudia, pelos conselhos; ao meu tio dindo Agenor Júnior, pelo carinho. Aos meus irmãos Eric e Felipe, aos meus primos Nathalia, Antoni, Juliana e Luna. O meu muito obrigada. Amo demais vocês!

Quero agradecer também ao Rafael, noivo, companheiro de sete anos, aquele que está sempre disposto a ouvir, que me apoiou em meus projetos e seguiu lado a lado, agregando. Obrigada pela enorme ajuda com a formatação deste trabalho. Você é muito importante. Te amo.

Não posso deixar de agradecer às minhas amigas, que souberam entender as minhas ausências e emanaram energias positivas para que eu conseguisse concluir mais esta etapa. Priscila, Kauana, Rebeca, Michele, Viviane, Laurita: vocês são demais!

À minha sogra-amiga, que (dificilmente) compreendeu a falta de visitas, mas se manteve sempre presente em telefonemas.

Agradeço também, à Prof^a Dr^a Norma Lopes, pelas contribuições ao compor a banca da defesa de projeto, que auxiliaram muito no decorrer da pesquisa, por disponibilizar os documentos do estudo do PEPP e por ser essa pessoa querida desde a UNEB.

À Profª Drª Silvana Ribeiro, pelas contribuições sobre essa pesquisa no VI Encontro de Sociolinguística da UNEB, e por disponibilizar o material sugerido para leitura, além do grande auxílio no decorrer do estágio docente.

Ao Prof. Dr. Manoel Mourivaldo, por disponibilizar o material de uma carta com registro de *vosemeces*, incluída nesse trabalho.

Obrigada à Profª Drª Marcela Paim, por ter aceitado me acompanhar nessa caminhada, pelas orientações e incentivo no decorrer do processo.

Também não posso deixar de citar aqui os meus alunos de estágio docente, que se tornaram amigos. Essa experiência e a troca de aprendizados que tivemos no decorrer do semestre foi enriquecedora.

Agradeço imensamente às pessoas que se dispuseram a participar dessa pesquisa como informantes, pela confiança e paciência. Sem vocês esse projeto não teria se concretizado. Como tenho o compromisso de não divulgar os nomes dos informantes, cito aqui, as suas iniciais: S. T., V. S., Z. S., I. R., M. S., M. N., I. F., S. C., A., L. M., A. F. e M. G.: sou muito grata pela participação de vocês.

Às pessoas lindas e queridas que me ajudaram na procura por informantes, e mais que isso: me acompanharam de bom grado nessa “aventura”, Gabriela Sampaio, Luciene de Jesus, Lícia Layana e Edileusa Santana. Em especial, Nilda Lomanto e Antônio Fernando, que além de auxiliarem com a busca por informantes, me acolheram em sua casa com todo carinho. MUITÍSSIMO obrigada. Foi difícil, mas os esforços valeram a pena.

Obrigada aos colegas de Mestrado, que tornaram os meus dias mais animados nesses dois anos: Danilo, Pedro, Elaine, Elias, Cezar, Jane, Huda, Sebastian. Em especial, àqueles que se tornaram grandes amigos: Aline, Angelo, Graci, Ingrid, Evanilton.

Agradeço à FAPESB, pelo apoio financeiro.

Se eu sou como sou hoje, isso é reflexo do amor e amizade dessas pessoas maravilhosas.

“Serei sincero com o meu verdadeiro ser. Quero servir, quero ensinar, eu vim pra aprender. Me sinto em casa em qualquer lugar, mas sou turista em todos. Sou viajante em qualquer lugar, sou uma parte do todo.”

(O viajante – Forfun)

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar quais são os condicionadores que atuam na escolha dos pronomes *tu/você* no português popular falado nas comunidades de Salvador e Amargosa, na Bahia. Através deste estudo, temos por proposta investigar o uso variável dos pronomes *tu* e *você*, através de inquéritos do Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador (PEPP) e de inquéritos gravados em Amargosa entre os meses de julho e dezembro do ano 2016, a fim de aferir se o fenômeno constitui uma variação estável ou caminha para uma mudança linguística, além de investigar se o fenômeno em questão é marcado pela variação diatópica. Esse trabalho tem como base o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa, constituído pelo sociolinguista William Labov. A coleta de dados foi realizada através de 12 inquéritos do PEPP e 12 inquéritos gravados em Amargosa. Os informantes são homens e mulheres em igual número, distribuídos em três faixas etárias (I: 15 a 24 anos; III: 45 a 55 anos; IV: 65 anos em diante). Após a transcrição das gravações, foram realizados o levantamento dos dados; a codificação, seguindo uma chave de codificação, e então, a análise estatística através do pacote de programas GoldVarb. Por fim, foram realizadas a análise e interpretação desses dados obtidos. Os resultados apontaram para uma preferência pelo pronome *você* em ambas as cidades, sendo que em Salvador, *você* se mostrou categórico nas escolhas dos falantes. Entre as onze variáveis inicialmente elencadas na pesquisa, as variáveis *Tipo de Frase*, *Tipo de Discurso*, *Tipo de Referência*, *Faixa Etária* e *Escolaridade* foram selecionadas pelo GoldVarb como as mais relevantes para a variação *tu/você* em Salvador e Amargosa. No município de Amargosa, os pronomes parecem estar fortemente influenciados pela variável Intimidade, que embora tenha sido observada no decorrer da análise, não foi avaliada nesse estudo.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação Tu/Você; PEPP, Amargosa.

ABSTRACT

This research aims to analyze which are the conditioners that act in the choice of the pronouns *tu/você* in the popular Portuguese spoken in the communities of Salvador and Amargosa, in Bahia. Through this study, we propose to investigate the variable use of the pronouns *tu* and *você*, through surveys of the Program of Studies of Popular Portuguese Spoken of Salvador (PEPP) and of surveys recorded in Amargosa between July and December of the year 2016, in order to verify if the phenomenon constitutes a stable variation or is going to a linguistic change, besides investigating if the phenomenon in question is marked by the diatopic variation. This work is based on the theoretical-methodological model of Quantitative Sociolinguistics, constituted by sociolinguist William Labov. Data collection was carried out through 12 PEPP surveys and 12 surveys recorded in Amargosa. The informants are men and women in equal numbers, divided into three age groups (I: 15 to 24 years, III: 45 to 55 years, IV: 65 years and on). After the transcription of the recordings, the data were collected; The coding, following a coding key, and then the statistical analysis through the GoldVarb program package. Finally, the analysis and interpretation of these data were performed. The results pointed to a preference for the pronoun *você* in both cities, and in Salvador, *você* were categorical in the choices of the speakers. Among the eleven variables initially listed in the research, the variables Type of Phrase, Speech Type, Reference Type, Age Range and Schooling were selected by GoldVarb as the most relevant for the variation in Salvador / Amargosa. In the municipality of Amargosa, pronouns appear to be heavily influenced by the variable Intimacy, which although it was observed during the analysis, was not evaluated in this study.

Keywords: Sociolinguistics; *Tu /você* variation; PEPP, Amargosa.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Atuação da variável <i>Tempo Verbal</i> sobre o uso de <i>tu/você</i>	31
Tabela 02: Distribuição das formas pronominais de segunda pessoa na posição de sujeito	32
Tabela 03: Distribuição dos pronomes por faixa etária no Plano Piloto ampliado, em Vila Planalto	36
Tabela 04: Distribuição das ocorrências das formas pronominais 'tu' e 'você' na amostra	37
Tabela 05: Distribuição da forma 'tu' conforme o grau de intimidade	38
Tabela 06: Distribuição dos informantes quanto à alternância <i>tu/você</i>	42
Tabela 07: Totais de referência à segunda pessoa nos <i>corpora</i> investigados	80
Tabela 08: A variação <i>tu/você</i> quanto à Localidade, na Bahia	83
Tabela 09: <i>Você</i> quanto ao Tipo de Frase na fala popular baiana	84
Tabela 10: <i>Você</i> quanto ao Tipo de Discurso na fala popular baiana	85
Tabela 11: <i>Você</i> quanto ao Tipo de Referência na fala popular baiana	86
Tabela 12: <i>Você</i> quanto à variável Faixa Etária na fala popular baiana	87
Tabela 13: <i>Você</i> quanto à variável Escolaridade na fala popular baiana	89
Tabela 14: A variação <i>tu/você</i> quanto ao Tempo Verbal na fala popular baiana	90
Tabela 15: A variação <i>tu/você</i> quanto ao Sexo do indivíduo na fala popular baiana	94
Tabela 16: A variação <i>tu/você</i> quanto ao Tipo de Enunciado na fala popular baiana	92
Tabela 17: A variação <i>tu/você</i> quanto à Função Sintática na fala popular baiana	93
Tabela 18: A variação <i>tu/você</i> quanto à Função Sintática na fala popular de Amargosa	95
Tabela 19: A variação <i>tu/você</i> quanto ao Tempo Verbal na fala popular de Amargosa	96
Tabela 20: A variação <i>tu/você</i> quanto ao Tipo de Frase na fala popular de Amargosa	96

Tabela 21: A variação <i>tu/você</i> quanto ao Tipo de Discurso na fala popular de Amargosa	98
Tabela 22: A variação <i>tu/você</i> quanto à Referência na fala popular de Amargosa	99
Tabela 23: A variação <i>tu/você</i> quanto ao Tipo de Enunciado na fala popular de Amargosa	100
Tabela 24: A variação <i>tu/você</i> quanto à variável Sexo na fala popular de Amargosa	102
Tabela 25: A variação <i>tu/você</i> quanto à variável Faixa Etária na fala popular de Amargosa	102
Tabela 26: A variação <i>tu/você</i> quanto à variável Escolaridade na fala popular de Amargosa	103

LISTA DE QUADROS DE GRÁFICOS

Quadro 01: Pronomes Pessoais nas Gramáticas Tradicionais	26
Quadro 02: Opinião de falantes sobre os pronomes tu/você	44
Quadro 03: Perfil dos informantes do <i>Projeto de Estudos do Português Popular Falado de Salvador – PEPP</i>	50
Quadro 04: Perfil dos informantes de Amargosa – Bahia	52
Gráfico 01: Totais de referência à segunda pessoa nos <i>corpora</i> analisados ..	34
Gráfico 02: Totais de referência ao pronome de segunda pessoa nos <i>corpora</i> analisados	81
Gráfico 03: Totais de referência ao pronome de segunda pessoa em Amargosa	94

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Mapa 01: Localização do estado da Bahia no Brasil	55
Mapa 02: Localização da cidade de São Salvador, no estado da Bahia	58
Mapa 03: Localização do município de Amargosa, no estado da Bahia	62
Figura 01: Trecho da carta escrita por portugueses, datada em São Paulo, de 15 de março de 1911	23
Figura 02: Fotografia da cidade de São Salvador – BA	56
Figura 03: Fotografia da cidade Amargosa – BA	59

LISTA DE SIGLAS

DID	Diálogo entre Informante e Documentador
D2	Diálogo entre dois Informantes
QMS	Questionário Morfossintático
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALIMA	Atlas Linguístico do Maranhão
VARSUL	Varição Linguística na Região Sul do Brasil
PEPP	Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador
NURC	Programa Norma Linguística Urbana Culta
AMG	Amargosa
PB	Português Brasileiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A VARIAÇÃO TU/VOCÊ EM PORTUGUÊS	21
1.1 CONCEITO DE PRONOME	24
1.2 PRONOME DE SEGUNDA PESSOA NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS	25
1.3 TRABALHOS REALIZADOS SOBRE A SEGUNDA PESSOA	30
1.3.1 Região Norte	30
1.3.2 Região Nordeste	32
1.3.3 Região Centro-Oeste	35
1.3.4 Região Sudeste	37
1.3.5 Região Sul	40
1.3.6 Sobre o que vimos	45
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	47
2.1 OS <i>CORPORA</i> UTILIZADOS	48
2.2 O <i>LOCUS</i> DA PESQUISA	54
2.2.1 Salvador	56
2.2.2 Amargosa	59
2.3 OS GRUPOS DE FATORES ANALISADOS	62
2.3.1 Função Sintática	64
2.3.2 Tempo Verbal	65
2.3.3 Tipo de Frase	65
2.3.4 Tipo de Discurso	66
2.3.5 Tipo de Referência	66
2.3.6 Tipo de Enunciado	67
2.3.7 Sexo	68
2.3.8 Faixa Etária	69
2.3.9 Escolaridade	69
2.3.10 Localidade	70
2.4 CONTROLE QUANTITATIVO DOS DADOS	70

3 ANÁLISE DOS DADOS	80
3.1 IDENTIFICAÇÃO DE <i>NOCAUTES</i>	82
3.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS SELECIONADAS PELO GOLDVARB	84
3.2.1 Tipo de Frase	84
3.2.2 Tipo de Discurso	85
3.2.3 Tipo de Referência	86
3.2.4 Faixa Etária	87
3.2.5 Escolaridade	88
3.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS NÃO SELECIONADAS PELO GOLDVARB	89
3.3.1 Tempo Verbal	90
3.3.2 Sexo	90
3.3.3 Tipo de Enunciado	92
3.3.4 Função Sintática	93
3.4 A VARIAÇÃO ENTRE OS PRONOMES <i>TU</i> E <i>VOCÊ</i> EM AMARGOSA	93
3.4.1 Função Sintática	95
3.4.2 Tempo Verbal	95
3.4.3 Tipo de Frase	96
3.4.4 Tipo de Discurso	97
3.4.5 Tipo de Referência	99
3.4.6 Tipo de Enunciado	100
3.4.7 Sexo	101
3.4.8 Faixa Etária	102
3.4.9 Escolaridade	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICES	113
ANEXO	123

INTRODUÇÃO

No português brasileiro, há muitas variantes que coexistem, a exemplo dos pronomes *tu/você*, em função de sujeito, no sintagma nominal.

Os pronomes pessoais no português do Brasil têm sido objetos de discussão desde a segunda metade do século XX e analisados por diversos pesquisadores, focando desde a utilização dos pronomes em áreas geográficas específicas a tentativas de alcançar resultados de caráter nacional, como propõe Cardoso (2017).

Você é resultado de um processo de pronominalização da forma de tratamento *Vossa Mercê*, como confirmam trabalhos como os de Cardoso (2017), Nogueira (2013) e Lopes e Duarte (2003), e talvez por isso ainda seja considerado pelas gramáticas como um exemplo de forma de tratamento, embora seja amplamente utilizado como pronome da segunda pessoa do singular, concorrendo com o pronome *tu* (esse geralmente apontado como único pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa do singular nas gramáticas). Segundo Lopes e Duarte (2003), na segunda metade do século XVIII, o pronome *tu* foi bastante utilizado (concorrendo, na época, com os tratamentos *Vossa Mercê* e *vós*), mas sofreu um declínio logo depois, voltando a ser utilizado no final do século XIX. *Você*, por sua vez, começa a ser foco na metade do século XVIII, quando passa a concorrer com *tu*.

A variação *tu/você* na Bahia, conforme apontam estudos como o de Nogueira (2013), é marcada pela diatopia. O pronome *tu* está sendo utilizado na capital baiana (Salvador), mas a frequência no uso desse pronome está mais presente no português falado do interior do estado, como observado na fala de Amargosa. Esse fato é frisado também por Faraco (1996, *apud* Nogueira, 2013), que declara que no Português Europeu o “[...] *tu* é ainda de uso corrente no tratamento íntimo e *você* é usado em tratamento entre iguais não solidários, ou mesmo, no tratamento não solidário de um interlocutor de *status* social inferior”. Já no Português Brasileiro, o autor afirma que *você* é mais comumente utilizado no dia-a-dia, enquanto *tu* é mais específico e característico de determinadas regiões (variedades regionais).

De acordo com pesquisas realizadas sobre o tema aqui proposto, além da variação diatópica, um fator condicionante muito relevante, na escolha de *tu* e *você*,

é o teor de intimidade entre os falantes (aspecto também presente no Português Europeu, mencionado na citação de Faraco). Em algumas regiões, o *tu* caracteriza mais intimidade entre o falante e o interlocutor, assim como *você* demonstra ser um termo genérico, escolhido em situações em que o locutor e o ouvinte são menos próximos.

Tarallo (1997) afirma que toda língua é heterogênea e diversificada, e que essa diversidade linguística é sistematizada, pois é através da sistematização que as comunidades de fala podem alcançar a comunicação efetiva. A partir desse pressuposto, pretende-se analisar quais os fatores que condicionam a utilização de *tu* e *você* na fala popular dos municípios de Salvador e Amargosa. O conceito de falar popular aqui utilizado, se baseia na conceituação de Callou e Leite (2002), que consideram como normas vernáculas/populares, aquelas oriundas dos usos linguísticos das comunidades menos escolarizadas (nesta pesquisa, as escolaridades fundamental e média). É pretendido, portanto, realizar uma análise acerca do uso variável dos pronomes *tu* e *você* em função de sujeito na fala popular das cidades: Salvador e Amargosa no estado da Bahia.

Este trabalho, como toda pesquisa de base Sociolinguística Variacionista, pretende estudar a língua falada em situações reais de uso, a língua vernácula, segundo Labov (2008). A variação nos usos dos pronomes *tu/você* na fala baiana é carregada de marcas regionais, e foi observado o uso elevado do pronome *tu* em lugar de *você* na fala de indivíduos do município de Amargosa, interior da Bahia. Por esse motivo, a fala amargosense foi escolhida para análise. No português popular (escolaridade fundamental e média) de Salvador, é, hoje, comum encontrar, embora ainda de forma esporádica, indivíduos utilizando o *tu* no lugar de *você*, sem que seja realizada a conjugação tida como correta pela Gramática Normativa. Como por exemplo: “tu vais”. Na Bahia, o *tu* aparece como “tu vai”, e é esse contexto que será considerado nesta pesquisa, e em razão desse fenômeno surgiu a iniciativa de contrastar ambos os dialetos, a fim de analisar quais são os fatores condicionantes para a utilização de um pronome ou outro na fala popular dos dois municípios; confirmar se o fenômeno aqui se apresenta como uma variação diatópica e se, em Salvador, embora em menor frequência, o uso de *tu* está tomando espaço. Na fala culta (universitária), o uso de *você* é categórico, conforme é possível conferir em Nogueira (2013); e, por isso, não se considerou interessante inserir esse nível de escolaridade como variante nesta pesquisa.

Embora os estudos acerca da variação *tu/você* na Bahia sejam frequentes, como exemplo da pesquisa de Nogueira (2013), que avalia o fenômeno contrastando os usos entre as cidades de Salvador e Feira de Santana, não foi encontrado trabalho algum sobre esse tema em Amargosa, que é, como Feira de Santana, marcada pelo uso de *tu* na fala vernácula. É possível verificar a presença do *tu* na fala amargosense através do fragmento a seguir, retirado de um inquérito estilo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), gravado pela mestrandia *in loco*. O informante é Homem, da Faixa Etária I (15 a 24 anos), do Ensino Fundamental:

(01) **Inquiridora:** E como eram as reclamações de sua mãe?

Informante: Mais porque eu ficava nos pé de árvore lá. Pé de jaca.

Inquiridora: Falava como com você?

Informante: Aí ficava falando que: “Ah! Não sei o quê. Quando cair, eu quero ver o que é que *tu* vai fazer. *Tu* tiver sozinho uma hora, eu quero é ver como *tu* vai voltar. Se *tu* cair e morrer, quem morre é *tu*, né teus amigo não”. Ficava falando um bocado de coisa.

[...]

Inquiridora: Como é que seu pai fala contigo?

Informante: Ele ficava... fala... fala assim: “Rapaz, eu te aviso toda hora, se *tu* num fizer isso, eu vou te dar uma surra!” Aí eu pegava, com ele eu fazia logo. (AMG/09H/1/F)

Sendo assim, essa pesquisa propõe contribuir para a expansão do estudo variacionista dos pronomes pessoais em função de sujeito no território baiano.

Portanto, o trabalho que aqui se propõe se mostra relevante, pela necessidade de conhecimento da sistematicidade da variação *tu/você* e o desconhecimento da realidade sociolinguística desse fenômeno em Amargosa.

O conteúdo desta dissertação está distribuído em três capítulos, intitulados por: A variação *tu/você* em Português; Pressupostos Metodológicos e Análise dos dados.

O primeiro capítulo, no intuito de contextualizar o objeto analisado nessa pesquisa, traz uma explanação histórica acerca da trajetória da variação dos pronomes *tu* e *você* na Língua Portuguesa, desde o Português Europeu, até as mudanças ocorridas no Português Brasileiro, além da conceituação do que são os pronomes, baseada na visão das gramáticas tradicionais de Língua Portuguesa e, a partir disso, elucida como esses pronomes de segunda pessoa são vistos por esses gramáticos. Por fim, essa primeira parte traz, também, uma exposição a respeito dos trabalhos já realizados sobre a referência a segunda pessoa gramatical em todo o Brasil.

O segundo capítulo, por sua vez, apresenta os pressupostos teórico-metodológicos que embasam as práticas realizadas no decorrer da investigação, expondo os *corpora* utilizados (um total de 24 inquéritos de informantes soteropolitanos e amargosenses), assim como o *locus* da pesquisa (incluindo um apanhado acerca da história dos municípios Salvador e Amargosa). Além desses aspectos, expor quais fatores foram analisados nesse trabalho para compreender o funcionamento da variação entre *tu* e *você* na Bahia, dando início, inclusive, à elucidação acerca do controle quantitativo dos dados.

Finalmente, o terceiro, e último capítulo, apresenta a análise dos resultados obtidos através da quantificação dos dados por meio do pacote de programas GoldVarb, expondo grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram ou não um ou outro pronome, além de esclarecer pontos importantes na pesquisa que justificam a retificação ou confirmação de hipóteses levantadas no início do processo de investigação.

1 A VARIAÇÃO TU/VOCÊ EM PORTUGUÊS

A variação no uso dos pronomes *tu* e *você* vem objeto de estudo de muitos pesquisadores. Diversos estudos têm sido realizados, tendo como base dados de caráter regional, ou ainda, referentes a níveis sociais.

De acordo com Peres (2007),

No latim, para as formas de tratamento, havia os pronomes *tu* – para um tratamento informal a um único interlocutor – e o *uos* (vós), usado em dois casos: (i) para a referência direta a mais de um interlocutor e (ii) para o tratamento respeitoso a um único interlocutor.

Ao lado dessas formas, no latim também se usava a forma indireta de referência, pela qual se expressavam as qualidades morais e o status social do ouvinte. Assim, os imperadores romanos não eram tratados simplesmente por *uos*, mas sim por *Uestra Maiestas*, com o verbo na terceira pessoa do singular, destacando-se sua importância naquela sociedade.

Por outro lado, em Portugal, no início, a situação era diferente. Nos primeiros tempos da monarquia, o rei mal se distinguia dos outros nobres, já que seu poder não era suficientemente forte para destacá-lo, e os riscos das guerras contra um inimigo comum e a familiaridade imposta pela vida militar aproximavam-no de seus vassallos. É a partir do século XIII que o rei começa a distinguir-se das outras classes e somente no século XV ele consegue eliminar qualquer autoridade contrária à sua.

Nesse início – século XIII –, o soberano era tratado por vós. Entretanto, aos poucos, outras formas de tratamento foram surgindo, e o pronome vós foi lentamente sendo substituído pelas formas “Vossa + Nome”. As formas de tratamento com essa estrutura, como Vossa Mercê, por exemplo, foram introduzidas na língua portuguesa no século XIV e, especialmente, no XV. (PERES, 2007, p. 157)

Você (inicialmente utilizado como vós, no Latim, passando à *Vossa Mercê*, no Português Europeu) é uma forma pronominal, como se pôde conferir, que surgiu (em princípio, como forma de tratamento) posteriormente ao *tu*, sendo considerado, portanto, a forma inovadora.

Vosmecê, *mecêa*, *vosse*, *você* e a própria forma original *Vossa Mercê* aparentemente chegaram no Brasil sem a força cortês dos primeiros tempos – século XIII-XIV. A partir de meados do século XVIII, os usos tornam-se divergentes. A forma vulgar *você* torna-se produtiva nas relações assimétricas de superior para inferior, podendo assumir, em algumas situações sócio-pragmáticas, “conteúdo negativo intrínseco”, em oposição à sua contraparte desenvolvida *Vossa Mercê*. No Brasil, a concorrência passa a ser maior entre *tu* e *você* em relações solidárias mais íntimas a partir do século XIX. (LOPES, 2008, p. 1)

No Brasil, segundo Lopes (2003), o *você* passou a ser usado de maneira geral pelos falantes, ao contrário do que aconteceu no Português de Portugal, onde *você* é ainda utilizado de maneira restrita, em situações bastante marcadas.

Além dos registros de *Vossa Mercê*, *vosmecê* e *você*, foram encontradas as formas *vosemece* e *vosemeses* em cartas escritas no Brasil, por portugueses que aqui viviam, em São Paulo. O documento é datado de 15 de março de 1911, na localidade de Capão Preto, as ocorrências estão marcadas nas linhas 7 e 11 do texto ilustrado na Figura 01 e o contexto em que foram utilizadas é de maior formalidade. Esse escrito foi concedido pelo Prof. Dr. Manoel Mourivaldo, e pode ser encontrado no Museu do Imigrante, em São Paulo.

Esses novos registros demonstram que embora tenham transcorridas muitas pesquisas acerca do tema, é ainda possível encontrar um grande número de novidades sobre esse processo de variação e mudança.

Atualmente, em algumas regiões do Brasil, *você* ainda é utilizado como referência mais formal ao interlocutor, enquanto *tu* demonstra ter mantido a sua significância menos formal. Apesar de Rumeu (2013), afirmar que, embora *você* ainda resguarde um pouco do prestígio da forma pronominal de tratamento altamente formal (como o tratamento à Realeza), e que, com o passar do tempo, passou a ser utilizado com valor de intimidade, ao contrário do seu valor inicial, não se pode afirmar tal dado de maneira generalizada, pois, nas pesquisas realizadas nas diferentes capitais brasileiras, podemos constatar que, apesar de *você* se mostrar informal, (tendo os falantes optado por formas mais formais de tratamento, como *senhor(a)*, por exemplo, para sinalizar respeito), nos municípios interioranos, onde *você* concorre fortemente com *tu*, esse ainda demonstra certo grau de formalidade, utilizado para sinalizar distanciamento e/ou respeito entre locutor e interlocutor.

A seguir, é possível verificar, na Figura 01, dois registros de *vosemeses* em carta escrita por portugueses em 1911.

Figura 01: Trecho da carta escrita por portugueses, datada em São Paulo, de 15 de março de 1911

me tras 2 ou 3 Cybertores e 3
 ou 4 Saneois de Linho e um
 shal preto que seja von por que
 a qui tam mas tudo Qaresimo
 e não presta o Sur save mas não
 podendo trazer nada não traga
 alguma vosemeses vierem para
 a nossa Confiança não terá vontade
 de nos deixar mais nos não lhe
 daremos motivos para isso
 menos a mais nos querendo
 alguma quando vosemeses imbarcarem
 o Sur 75 dias antes me escreve que
 eu side estar em Capão Preto a espera
 que eu moro perto agora Com isto
 mas os Banos mais muitas seu

*me dá mais de 100
 e 100 mais*

Fonte: Museu do Imigrante, São Paulo.

Quanto à variação pronominal, que teve por consequência a implementação de *você* como pronome pessoal, concorrendo com *tu*, Lopes (2003) afirma que,

[...] acredita-se que com a gramaticalização de *Vossa Mercê* > *você*, não houve perda completa dos traços categoriais originais (expressão nominal de tratamento) e muito menos a assunção definitiva de propriedades da nova classe (pronome de 2ª pessoa da qual *você* passou a fazer parte.

[...] Com a inserção de *você* no quadro pronominal do português, percebe-se a *persistência* da especificação original de 3ª pessoa, embora a interpretação semântico-discursiva passe a ser de 2ª pessoa [-EU].

[...] Como os processos de mudança não afetariam o sistema linguístico em sua totalidade, a implementação de *você* no sistema não ocorreu da mesma forma em todas as subcategorias pronominais e criou-se um paradigma pronominal que reflete um sincretismo entre a segunda e a terceira pessoa do singular. *Você* e *tu* coexistem no singular e *vocês* é praticamente categórico no plural na posição de sujeito, [...] (LOPES, 2003, p. 3)

Portanto, a fim de discutir um pouco mais sobre o que são os pronomes e seus valores atuais, além de como funcionam tanto o *tu* quanto *você* no Português Brasileiro, traremos, na seção seguinte, uma breve discussão sobre a conceituação de pronome, partindo de leituras das Gramáticas Tradicionais e pesquisas sobre a variação pronominal em âmbito nacional.

1.1 CONCEITO DE PRONOME

Os pronomes, segundo as Gramáticas Tradicionais, são as palavras que correspondem aos nomes dos seres ou os determinam, indicando a pessoa do discurso (a primeira pessoa, quem fala; a segunda, com quem se fala e a terceira, de quem se fala). De acordo com o linguista Benveniste (1988),

[...] os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que, chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor. (BENVENISTE, 1988, p. 277)

Quanto aos pronomes pessoais, o referido autor afirma que esses constituem uma classe gramatical, composta por algo exclusivamente linguístico. Ou seja,

elementos que fazem sentido apenas dentro do discurso, completamente incoerentes, se deslocados da sua efetiva função. Ou seja, “eu” pode designar qualquer indivíduo que se aposse de tal pronome, mas só fará sentido, quando referido dentro de um discurso onde “eu” e “tu” estejam claramente identificados. *Eu*, conforme aponta Benveniste (1988, p. 288): “é um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso”. O autor complementa, afirmando que

Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo *status*. São os indicadores da *déixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência: “isto, aqui, agora” e as suas numerosas correlações “isso, ontem, no ano passado, amanhã, etc.”. (BENVENISTE, 1988, p.288)

Temos interesse, neste trabalho, em descrever e compreender a respeito dos pronomes pessoais de segunda pessoa do caso reto, onde se encaixam os pronomes *tu* e *você*, foco desta pesquisa. A seguir, portanto, têm-se descrições acerca do que foi encontrado sobre os pronomes de segunda pessoa a partir de cinco gramáticas da Língua Portuguesa.

1.2 PRONOME DE SEGUNDA PESSOA NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Como foi possível constatar, atualmente, no Português Brasileiro, o pronome *você* é muito utilizado como pronome pessoal. Porém, é notório que a maioria das Gramáticas Tradicionais traz ao foco apenas o *tu* como pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa do singular. Para esses gramáticos, o *você* faz parte do grupo dos pronomes de tratamento.

Para Almeida (1999), “pronome é a palavra que ou substitui, ou pode substituir um substantivo”, já o pronome pessoal “é o que, ao mesmo tempo em que substitui o nome de um ser, põe esse nome em relação com a pessoa gramatical”. Essa chamada pessoa gramatical é constituída pela relação entre a linguagem e os

seres. Como: quem fala (esta é considerada a primeira pessoa gramatical); com quem fala (segunda pessoa gramatical) e de que fala (terceira pessoa gramatical).

O pronome pessoal, por sua vez, segundo o autor, pode ser dividido em: reto e oblíquo. Os pronomes retos têm a função de representar o sujeito do verbo da oração (eu, tu, ele, nós, vós, eles); enquanto os pronomes oblíquos têm uma função complementar na oração, representam o arremate do verbo na frase, como é possível conferir no Quadro 01:

Quadro 01: Pronomes Pessoais nas Gramáticas Tradicionais

Pessoas do discurso	Pronomes retos	Pronomes oblíquos
	Função subjetiva	Função objetiva
1ª pessoa do singular	Eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	Tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele, ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1ª pessoa do plural	Nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	Vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles, elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Fonte: Almeida (1999, p. 172)

Esse quadro é utilizado também nas gramáticas de Bechara (2009), Cegalla (1997) e Cunha e Cintra (2008). Nessa tabela, apenas o *tu* aparece como pronome pessoal do caso reto de segunda pessoa do singular. Para Almeida (1999), existem ainda, os pronomes de tratamento, que são “as palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: fulano, beltrano [...] a gente, você, Vossa Mercê [...]”. Portanto, para o gramático Almeida, o *você* se configura como pronome de tratamento e não como pronome pessoal. Ele ainda sinaliza, em nota de rodapé, que o uso de *você* em Portugal não se dá da mesma maneira que no Brasil, mas não explora mais acerca desse fato.

Ao nos referirmos ao significado estrutural, aludimos, junto com as unidades lexemáticas (lexemas), às unidades categoremáticas, os pronomes, são ‘formas sem substância’, isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar, um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística. Por isso, os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos. Diferem dos lexemas porque não possuem significado lexical, ou, se o apresentam, têm um significado

lexical genérico ('pessoa', 'coisa', 'lugar', 'tempo', 'modalidade', etc.), dado pela situação ou por outras palavras do contexto. (BECHARA, 2009, p. 112)

Sendo assim, de acordo com Bechara, o pronome

é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.

De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o como pessoa localizada do discurso. (BECHARA, 2009, p. 162)

Diferentemente de Almeida (1999), Bechara (2009) considera que a pessoa do discurso é composta por duas pessoas gramaticais definidas no discurso; a primeira (eu, o falante) e a segunda (tu, o ouvinte). A terceira pessoa, de acordo com Bechara (2009), não é parte integrante do discurso de fato, por ser indeterminado, portanto, indicando uma outra pessoa em relação aos envolvidos na comunicação; considerando a “não pessoa” (não eu, não tu).

O autor admite *você* concorrendo com *tu* apenas em uma nota de rodapé, presente na página 162 da gramática, e refere-se ao uso da segunda pessoa de maneira impessoal (forma generalizada): “É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente: ‘Daniel, a situação está difícil. Chega um momento que *você* (= ‘eu’, ‘a gente’, impessoalizador) não sabe o que fazer [...]’”.

Assim como Cunha e Cintra (2008), Almeida (1999) e Cegalla (1997), Bechara (2009) classifica os pronomes em seis tipos: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos.

Cegalla (1997), assim como Bechara (2009), apresenta os pronomes de tratamento como próprios aos pronomes pessoais. Nesta listagem das formas que se usam no tratamento com as pessoas em um discurso, está presente o *você*, como forma de tratamento familiar e íntimo. Porém, estudos sociolinguísticos recentes nos apontam que na prática, a escolha pelo *você* é realizada em situações mais formais, enquanto o *tu* se mostra em conversas entre indivíduos mais íntimos (como familiares, amigos etc).

Cegalla (1997) acrescenta que o *você* é resultado da contração de *Vossa Mercê* para *Vosmecê*, e desse, para o atual *Você*.

Cunha e Cintra (2008) também consideram o *você* como pronome de tratamento. Sinalizam em nota de observação, que a pessoa com quem se fala (referente à segunda pessoa do discurso) pode ser representada também pelos pronomes de tratamento, que (esse conceito é encontrado também em Cegalla, 1997) são constituídos com o verbo na terceira pessoa do discurso. Supomos, então, que, por esse motivo, o *tu*, concorrendo com *você*, pode estar sendo utilizado largamente sem a concordância de segunda pessoa, como pregam as Gramáticas Tradicionais.

Cunha e Cintra (2008) trazem um histórico linguístico muito interessante, ao comparar os pronomes *tu* e *você* (entretanto, como forma de tratamento e não como pronomes pessoais), traçando um comparativo entre o Português Europeu e o Português Brasileiro:

Emprego dos pronomes de tratamento da 2ª pessoa

Tu e você. No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria de intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou superior para inferior.

É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente – e em certas camadas sociais altas – aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia. (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 305-306)

Moura Neves (2000), diferentemente dos quatro gramáticos citados anteriormente, não traz a ideia de pronome de tratamento na sua descrição acerca dos pronomes na Língua Portuguesa. A autora admite tanto o pronome *tu*, quanto o

você (vós, vocês, no plural), como formas de pronomes pessoais referentes à segunda pessoa do discurso.

Moura Neves (2000) afirma que embora as formas *você* e *vocês* façam alusão à segunda pessoa do discurso, transportam o verbo para a terceira pessoa, como acontece com os pronomes de tratamento. Ideia defendida, também, por Cunha e Cintra (2008) e Cegalla (1997), com a diferença que tais autores desconsideram *você* como pronome pessoal, restringindo-o a pronome de tratamento, como já vimos anteriormente.

É deveras interessante e importante, para entender a Língua Portuguesa, a maneira com que Moura Neves (2000) apresenta o uso de *você*:

O emprego de *você* é muito mais difundido do que o emprego de *tu*, para referência ao interlocutor. Além disso, ocorre frequentemente (embora mais especialmente na língua falada), que se usem formas de 2ª pessoa em enunciados em que se emprega o tratamento *você*, de tal modo que se misturam formas de referência pessoal de 2ª pessoa e de 3ª pessoa. [...]

Esse uso ocorre especialmente na conversação espontânea, e são abundantes os exemplos nos diálogos de peças teatrais. (MOURA NEVES, 2000, p. 458)

O pronome *você* também pode ser utilizado para fazer referências genéricas, embora represente uma pessoa que esteja envolvida no discurso. *Você*, nesse caso, pode configurar uma pessoa qualquer, como em: “Ela quer tudo, tudo! Quer mandar, dominar, ser amante, ser mulher-esposa, ser mãe, ser tudo... sei lá! Cuidadosa, tirânica, absorvente, toma conta de *você*, bebe *você*, asfixia *você*!” (MOURA NEVES, 2000, p. 463). Recurso que é muito presente na língua falada também.

Através desse levantamento, objetivamos descrever, a partir das Gramáticas, a visão dos gramáticos acerca do pronome de segunda pessoa do singular. Tendo em vista que a maioria das gramáticas têm o *você* como pronome de tratamento, julgamos como mais próxima à realidade linguística do português do Brasil, as conceituações de Moura Neves (2000), que admite *você* concorrendo com *tu* como pronome pessoal de segunda pessoa de maneira explícita (sem usar o recurso de nota de rodapé para indicar esse fato).

1.3 TRABALHOS REALIZADOS SOBRE A SEGUNDA PESSOA

O Brasil detém uma língua altamente heterogênea. Cada região do país possui características linguísticas bastante particulares, e por esse motivo, foram (e continuam sendo) realizados diversos estudos acerca dos usos de *tu* e *você* em posição de sujeito na segunda pessoa do singular e como pronomes de tratamento. A fim de compreender como funcionam as escolhas dos falantes brasileiros com relação aos usos dos pronomes pessoais e/ou de tratamento. Esta seção, portanto, trará um apanhado de estudos dentro do âmbito da Sociolinguística Variacionista, com o intuito de traçar perfis da variação *tu/você* no Brasil conforme particularidades de cada região do país.

1.3.1 Região Norte

Para compreender a variação *tu/você* na região Norte do Brasil, foi realizada uma consulta à pesquisa de Costa (2013), que tem como base a teoria da Sociolinguística laboviana e objetiva analisar a variação dos pronomes *tu/você* no português falado da região Norte brasileira através de dados de seis capitais nortistas. São elas: Belém (PA), Macapá (AP), Rio Branco (AC), Manaus (AM), Porto Velho (RO) e Boa Vista (RR). O autor investiga quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam os usos de *tu* e *você* nas regiões selecionadas a partir da fala de quarenta e oito informantes (oito de cada capital, homens e mulheres em igual número) dos Questionário Morfossintático (QMS) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

O pronome *tu*, como estava previsto por Costa (2013), foi, de maneira geral, utilizado com maior frequência que o pronome *você* na região Norte do país. Belém (PA), Manaus (AM) e Rio Branco (AC) são as capitais onde *tu* está mais presente nos usos dos informantes, contabilizando 69,3%, 68,5% e 65,5% dos dados respectivamente. Boa Vista (RR), Macapá (AP) e Porto Velho (RO) são as capitais onde *você* é preferido pelos falantes, sendo a última, a cidade em que o pronome *você* tem maior frequência.

Quanto à escolaridade, é confirmada a hipótese de que os indivíduos menos escolarizados (Ensino Fundamental) utilizam mais o pronome *tu* que os informantes

mais escolarizados (Ensino Superior). Entretanto, na fala nortista, o fator escolaridade se mostra pouco relevante. Apresenta-se de forma sutil, já que o uso de *tu* no Ensino Fundamental tem uma frequência de 61,9%, enquanto no Ensino Superior esse número não difere muito: 56,7%.

O *tu* é mais habitual no tempo (verbal) presente, como é notório na Tabela 01 a seguir. De acordo com Costa (2013), “esse resultado talvez esteja ligado ao fato de o pronome *tu*, quando usado no pretérito, solicitar uma conjugação mais complexa, como *falaste*, *viste* etc.”.

Tabela 01: Atuação da variável tempo verbal sobre o uso de *tu/você*

Fatores	Aplic./Total	%	P.R. Input 0.59
Presente	145/308	47,1	0.52
Pretérito	24/63	38,1	0.42
Total	169/371	45,6	

Fonte: Costa (2013, p. 74)

Ao contrário do que o referido autor supunha de início: que as mulheres escolheriam a forma *tu* e os homens optariam pelo *você*, os fatores Gênero (nomeado assim na dissertação) e Faixa Etária não foram relevantes na distinção da escolha por um ou outro pronome.

Temos, portanto, que, na região Norte do Brasil, a variação pronominal se dá de maneira estável. O pronome *tu* alterna com *você*, e em três das seis localidades estudadas por Costa (2013), está mais presente na escolha de falantes nortistas (as três capitais onde o *tu* predomina são Manaus, Boa Vista e Porto Velho). O tempo verbal é um fator determinante na pesquisa do referido autor, sendo o tempo presente, condicionante do uso do pronome *tu*. No que diz respeito às variações sociais, os fatores Gênero/Sexo, Faixa Etária e Escolaridade não são determinantes para a escolha de *tu* ou *você*.

1.3.2 Região Nordeste

Para a região Nordeste, consultamos três pesquisas que foram de suma importância para compreender como funciona a variação *tu/você* na fala de nordestinos, no Brasil: Alves (2012), Nogueira (2013) e Gomes e Lopes (2014).

Gomes e Lopes (2014) analisam a variação *tu/você* em cartas escritas em Pernambuco, entre o final do século XIX e início do século XX (época compreendida entre os anos 1869 e 1969).

Foram selecionadas cento e vinte e três cartas, divididas da seguinte maneira: oitenta e três cartas familiares, trinta e duas cartas que foram trocadas por amigos, mais oito cartas amorosas.

A partir das análises realizadas, foi possível conferir uma maior frequência no uso do pronome *você* em Pernambuco do século XIX-XX. Quando utilizado de maneira exclusiva nas cartas, se mostrou categórico, e mesmo quando ocorreu a oscilação entre o uso de *você* e *tu* nos escritos, o primeiro se apresentou preferido, como podemos conferir na Tabela 02.

Tabela 02: Distribuição das formas pronominais de segunda pessoa na posição de sujeito em cartas pernambucanas

Tratamento nas cartas (sujeito)	Formas pronominais de 2P	
	Tu	Você
Você-exclusivo	--	249/249 100%
	48/48 100%	--
Tu-exclusivo	9/27 33%	18/27 67%
Paradigmas mistos	7/19 37%	12/19 63%
	--	--
Sem referência	--	--

Tratamento nominal		
	64/343	279/343
Total	18%	79%

Fonte: Gomes e Lopes (2014, p. 27)

O uso de *tu*, de acordo com as autoras, se deu de maneira muito esporádica, principalmente na primeira metade do século XX.

A preferência por *você*, segundo Gomes e Lopes (2014), se dá

como um traço de inovação da forma tratamental de segunda pessoa, no intervalo de cem anos (1869-1969). Por outro lado, também verificamos contextos morfossintáticos em que houve a manutenção do paradigma de *tu* mais conservador como tratamento de segunda pessoa. (GOMES e LOPES, 2014, p. 41)

Alves (2012), por sua vez, verifica a variação *tu/você* no Maranhão, e tem como *corpus* vinte e oito entrevistas registradas no Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (Projeto ALIMA).

O pronome *você* se mostra mais presente na escolha dos falantes maranhenses, com uma frequência de 61,6% dos usos; indo contra a hipótese inicial da autora, de que o *tu* seria mais utilizado na região. Tal hipótese é compartilhada por muitos brasileiros. Bagno (2007), inclusive, dedica um capítulo do seu livro para discutir sobre essa ideia de que “o lugar onde melhor se fala português no Brasil é no Maranhão”. Tal preconceito se argumenta pelo fato de que no estado em questão ser comum a concordância do pronome *tu* “seguido das formas verbais clássicas, com a terminação em -s característica da segunda pessoa: *tu vais, tu queres, tu dizes, tu comias, tu cantavas* etc.” (BAGNO, 2007, p. 46). Enquanto que em outras regiões do país onde o *tu* é utilizado, esse está presente sem a concordância pregada como “correta” pela Gramática Tradicional. Temos como exemplo dessa “falta” de concordância: *tu vai, tu quer, tu diz, tu come, tu canta* etc.

O resultado de Alves (2012) é muito interessante para os estudos variacionistas, pois nos mostra que a realidade na fala maranhense é bem diferente do que nos apresenta a mídia. Além de *você* ter maior espaço na região, o *tu* está presente acompanhado do verbo na terceira pessoa (o *tu* concordar com o verbo na

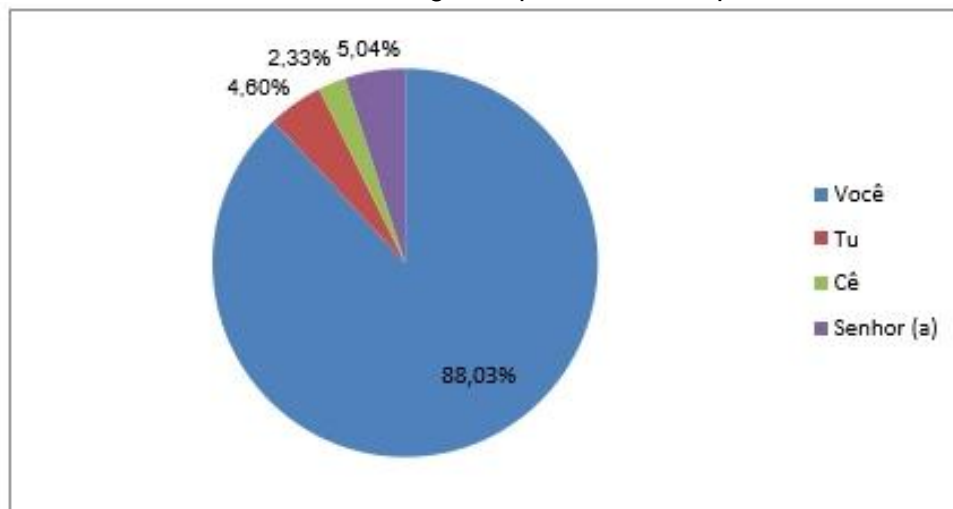
segunda pessoa é perceptível em São Luiz, na fala de indivíduos mais escolarizados).

No Brasil, o *você* tem estado cada vez mais evidente, hoje em dia já concorrendo com a variante *cê* (uma redução comum na fala espontânea), como podemos conferir em trabalhos como os de Peres (2007), Scherre *et al.* (2011).

O fator escolaridade demonstra grande relevância no estado maranhense; os informantes mais jovens optam pelo pronome *tu*, o que Alves (2012) considera uma indicação de possível mudança em curso.

Nogueira (2013) estuda como os falantes dos municípios de Feira de Santana e Salvador tratam o seu interlocutor. Essa pesquisa teve como resultado, a frequência da escolha pelo pronome *você* em 88,3%, como podemos conferir no Gráfico 01, embora seja sabido na Bahia, que o pronome *tu* é bastante notório na fala feirense.

Gráfico 01: Totais de referência à segunda pessoa nos *corpora* analisados



Fonte: Nogueira (2013, p. 86)

A autora uniu os dados encontrados de *você* e *cê*, desconsiderou os casos de *senhor (a)* (por ser mais relevante na pesquisa, a variação *tu x você*).

Considerando o fator Localidade, em Feira de Santana, o uso de *tu* é mais frequente que em Salvador. Na capital baiana, o pronome *tu* se mostra muito pouco presente. Também, na Bahia, os mais jovens tendem a utilizar mais a forma

pronominal considerada como a mais inovadora (*tu*), ao passo que *você* é mais usado pelos informantes mais velhos.

Nogueira (2013) decidiu coletar dados complementares a fim de compreender o motivo pelo qual o *tu*, que é característico de Feira de Santana “sumiu” nos inquéritos disponíveis. Através das “gravações secretas” (gravações sem o conhecimento prévio do informante) a autora em questão encontrou uma presença muito maior do pronome *tu* (agora com 42,2% dos dados, tendo antes 9% de frequência), pois os falantes estavam monitorando as escolhas frente ao gravador, por julgarem, supunha-se, o pronome *você* como de maior prestígio social. “Sendo assim, embora não seja a forma com maior frequência, podemos dizer que o pronome *tu* é amplamente utilizado em conversações espontâneas pelos falantes desta cidade”. (NOGUEIRA, 2013, p. 107).

Pode-se considerar, portanto, que nas regiões brasileiras estudadas, o pronome *você* prevalece, embora *tu* se apresente bastante evidente em falas vernáculas/espontâneas. *Tu* foi encontrado em maior constância na fala de indivíduos mais jovens, enquanto *você* se mostrou comum nos usos de falantes mais velhos.

1.3.3 Região Centro-Oeste

Para compreender melhor como ocorre a variação *tu/você* na região Centro-Oeste brasileira, nos debruçamos sobre a pesquisa de Scherre *et al.* (2011). Esse trabalho foi realizado com *corpus* constituído em Brasília (Distrito Federal do Brasil).

A capital, inaugurada no ano de 1960, foi povoada por pessoas de diferentes lugares do Brasil; essas foram nomeadas pioneiros (as), candangos (as) ou migrantes. Os dados da pesquisa em questão foram coletados a partir da fala dos

brasilienses e as brasilienses, filhos e filhas de pais candangos e de mães candangas e/ou de pais e de mães brasilienses, colhidas de formas distintas e em diversas localidades, a saber: (1) em Sobradinho – RA V; (2) em Taguatinga – RA III, Ceilândia – RA IX e Plano Piloto restrito e original; (3) no Plano Piloto ampliado, sem a Vila Planalto; (4) no Plano Piloto ampliado, com foco na Vila Planalto. (SCHERRE *et al.*, 2011, p. 118)

O referido trabalho tem por base teórica, a teoria da Variação Linguística (como os demais citados anteriormente), e objetiva estudar a variação pronominal a partir da possibilidade de alternância das variantes *tu*, *você*, *cê* e *ocê* na fala brasiliense; considerando fatores linguísticos e não linguísticos para análise dos elementos que podem condicionar a escolha dos indivíduos.

Scherre *et al.* (2011) afirmam que na década de 1990 o pronome *tu* não era comum em Brasília, porém, a partir do início dos anos 2000, já era possível observar a presença do *tu* no falar brasiliense.

A maior frequência de *tu* ocorre em Ceilândia (87%), onde há maior concentração de migrantes nordestinos.

Scherre *et al.* (2011) elaboraram o artigo a partir da compilação das pesquisas realizadas por tais autoras. Sendo assim, podemos verificar através da pesquisa de Dias, que foi realizada em 2007 (em Scherre *et al.*, 2011, p. 122), que

Com uma amostra equilibrada de falantes do sexo masculino e feminino do Plano Piloto ampliado (Brasília – RA I; Lago Sul – RA VI; e Lago Norte – RA VIII) e de três faixas etárias (13 a 19; 20 a 29; 30 a 49), verificou-se que, mesmo em amostras de falas semi-espontâneas diversificadas, coletadas em 2006 e 2007, o pronome *tu* revelava aumento regular em três gerações brasilienses, representadas por três faixas etárias, ocupando progressivamente mais os espaços do pronome *você* [...]. (SCHERRE *et al.*, 2011, p. 122)

Podemos confirmar a citação acima através da Tabela 03:

Tabela 03: Distribuição dos pronomes por faixa etária no Plano Piloto ampliado, sem Vila Planalto

Faixa Etária	TU	VOCÊ	CÊ	TOTAL
13-19 anos	30%	15%	55%	171
20-29 anos	13%	22%	65%	424
30-48 anos	4%	36%	60%	305

Fonte: Scherre *et al.*, 2011, p. 122.

Em suma, o pronome *tu* está marcadamente exposto na fala espontânea (entre amigos íntimos e familiares, em situações informais – em brincadeiras ou

conversas irônicas, por exemplo), de informantes do sexo masculino, de maneira geral, sem considerar escolaridade. Um fato interessante apresentado nesse texto é a influência da naturalidade dos pais na fala dos informantes. Por exemplo, os filhos de nordestinos tendem a usar o *tu*, enquanto os filhos de pais mineiros tendem a optar pelo uso da forma pronominal *cê*. Conforme afirmam Scherre *et al.* (2011), os brasilienses adotam “variavelmente um *tu* supra-regional sem concordância, que se espalha para domínios sociais e discursivos mais amplos, como traço local”.

1.3.4 Região Sudeste

A fim de compreender o funcionamento da variação *tu/você* na região Sudeste do Brasil, foram consultados dois trabalhos: o de Mota (2008) e Silva (2015), ambos amparados pelo escopo teórico da Sociolinguística.

Mota (2008) estuda a variação *tu/você* no português falado da cidade de São João da Ponte, no norte do estado de Minas Gerais. O *corpus* é composto por vinte e quatro informantes (homens e mulheres em igual número) com escolaridade fundamental, distribuídos em quatro faixas etárias (seis informantes por faixa etária).

De acordo com os resultados obtidos através da pesquisa em questão, foi possível constatar que o pronome *você* é preferido pelos falantes de São João da Ponte, mas a autora sinaliza que mesmo contabilizando 10% dos usos de *tu* (como pode ser verificado na Tabela 04), o resultado é satisfatório; tendo em vista que em pesquisas anteriores acreditava-se que o *tu* no diálogo mineiro era inexistente, se tratando dessa localidade.

Tabela 04: Distribuição das ocorrências das formas pronominais ‘tu’ e ‘você’ na amostra

	Nº. de ocorrências/Total	Porcentagens
TU	49/509	10%
VOCÊ	460/509	89%

Fonte: Mota, 2008, p. 60.

Nessa tabela, Mota sinaliza que a porcentagem foi calculada através do programa GoldVarb 2001, que considera como valor máximo 99% e não 100%.

Mota (2008) encontrou *tu* com frequência muito maior quando na posição sintática de objeto (com 48% dos dados, e peso relativo .91), sendo *você* mais constante na posição de *sujeito*. De acordo com a autora,

O que esses números permitem concluir, primeiramente, é que, embora a variante 'você' predomine na função subjetiva, o fato de 'tu' estar em variação constitui um dado muito importante, porque permite configurar o local da coleta da amostra como uma ilha linguística no Estado de Minas Gerais. (MOTA, 2008, p. 65)

A variável Grau de Intimidade é muito estudada em trabalhos sobre a variação pronominal. Acredita-se que no Brasil, o pronome *tu* esteja relacionado à intimidade entre locutor e interlocutor, sendo o *você* utilizado em situações mais formais. Através da Tabela 05, podemos inferir que no estado de Minas Gerais essa é uma variável considerável, sendo o *tu* favorecido pelo fator "Mais Íntimo".

Tabela 05: Distribuição da forma 'tu' conforme o grau de intimidade

2ª pessoa			
Grau de intimidade	Nº ocorrências/Total	%	Peso relativo
Íntimo	42/156	26	.81
Não Íntimo	5/313	1	.32
Total	47/469		

Fonte: Mota, 2008, p. 66.

Mais especificamente, dentro de quinze relações elencadas pela autora, as que mais condicionam o uso de *tu* são: Amigos (com 34% dos dados),

Comprador/Vendedor (33% do uso de *tu*) e Pais/Filhos (com 29% de frequência). Em contrapartida, no tratamento de filho para pai (representado por Filhos/Pais) não há uma ocorrência sequer de *tu*, assim como na conversação entre Colegas de escola, Colegas de Trabalho e Vendedor/Comprador, por exemplo, ambos com 0% de frequência. Esses dados demonstram, também, certo grau de respeito entre quem fala e o seu interlocutor, já que há casos de *tu* quando o pai se refere ao filho e não o contrário, assim como ocorre entre vendedor e comprador (há casos de *tu*, inclusive com a maior porcentagem entre todas as variáveis, na fala do comprador para com o vendedor, mas não o contrário).

De acordo com a referida pesquisa, *tu* é estigmatizado em Minas Gerais, característico da zona rural, não muito comum nos municípios mais urbanizados. A variável Faixa Etária se mostrou relevante, exibindo resultados que nos mostram que os idosos utilizam menos o pronome *tu*, enquanto os jovens (de 15 a 25 anos) fazem maior uso de tal pronome. Entretanto, embora o *tu* esteja predominantemente na fala dos informantes mais jovens, não há evidência de uma possível inovação na comunidade, já que o pronome *tu* aparece nas escolhas dos falantes em todas as faixas etárias.

Os resultados da pesquisa de Mota (2008) revelam que *tu* concorre com *você* na região Sudeste do Brasil, especificamente no Norte de Minas Gerais.

Silva (2015), por sua vez, estuda a variação entre os pronomes *tu* e *você* no português popular de São Paulo, a partir da fala em comunidades de prática localizadas no município de São José dos Campos.

Uma Comunidade de Prática funciona diferentemente da Comunidade de Fala, que é comumente destacada nas pesquisas variacionistas. A Comunidade de Fala é constituída por indivíduos, segundo Tarallo (1997), que compartilham traços linguísticos semelhantes, e que conseqüentemente acabam por diferenciá-los dos demais grupos de falantes; esses compartilham normas e atitudes linguísticas parecidas. Uma Comunidade de Prática, entretanto, é composta por pessoas que compartilham alguma atividade ou interesse comum, como afirma Gonçalves:

A comunidade de prática é um agregado de pessoas que se dispõem a realizar uma atividade que os identificam de certo modo, pois, ao escolher pertencer à determinada comunidade, o indivíduo compartilha repertórios de práticas sociais, inclusive as práticas linguísticas, de modo que, as variantes linguísticas assumiriam

significação social e estabeleceriam uma relação com a identidade. (GONÇALVES, 2013, p. 113)

Através da pesquisa de Silva (2015) foi possível perceber que o pronome *você* e as formas associadas a ele (*você* para sujeito e objeto e *seu, sua* para posses) são utilizadas com muito mais frequência (92%) na fala popular do município do interior do estado de São Paulo. *Você* é mais presente quando usado em função de sujeito, ao passo que *tu* e as formas associadas a ele (*tu* para sujeito, *te* para objeto, *teu* e *tua* para posse) são escolhidos quando em função de objeto.

Independente do grau de intimidade/formalidade entre os falantes em São José dos Campos, *você* se mostrou preferido nas escolhas dos informantes.

1.3.5 Região Sul

Na região Sul do Brasil, destacaram-se os estudos de Menon (2000), Loregian-Penkal (2005), Franceschini e Loregian-Penkal (2015), além do trabalho de Franceschini (2011).

Menon (2000) estuda a variação pronominal através da tradução brasileira da obra norte-americana “*Vinhas da Ira*”, levando em consideração o dialeto gaúcho empregado na obra.

A autora, a fim de comprovar (ou refutar) uma citação em que Pádua (1942, *apud* Menon, 2000) afirma que

[...] o tratamento de “*tu*”, empregado em terra gaúcha em substituição ao “*você*” do resto do Brasil, não é acompanhado, entretanto, dos verbos na pessoa correspondente (a 2ª do singular), mas sim na 3ª do singular: *tu vai, tu sabe*, etc., uso muito diferente do de Portugal [...]. (PÁDUA, 1942, p. 40 *apud* MENON, 2000, p. 148)

Ou seja, Menon (2000) buscou apurar se a língua falada na região gaúcha estava evidente na tradução escrita de obras como “...E o vento levou” e “*Vinhas da Ira*”. A autora, então, foi a procura da primeira edição brasileira do livro “*Vinhas da Ira*” (a edição do ano de 1940 foi encontrada na Biblioteca Pública do Paraná).

Menon (2000) constatou que há sim essa presença da fala gaúcha na tradução da obra (julgando que se há transcritas essas formas, os próprios

tradutores haveriam de usá-las); então, fez o levantamento das ocorrências e submeteu-as ao tratamento estatístico através do pacote de programas Varbrul.

A autora pôde detectar, portanto, que o *tu* é fortemente marcado na região. O modo verbal com o qual ocorre com maior frequência a não concordância do pronome *tu*, é o tempo imperativo, com peso relativo .90. Ela conclui, então, que os casos de não concordância ocorrem em sua maior parte, no tempo imperativo. Foi possível inferir, também, que os pronomes *você* e *senhor* têm comportamentos praticamente idênticos (ambos com peso relativo .95 e .96 respectivamente), quanto a concordância. *Tu*, embora tenha sido mais frequente no *corpus*, apresenta apenas peso relativo .29 quanto a concordância).

Menon (2000, p. 58) afirma que “[...] os usos de *você* para se dirigir a um estranho parecem corroborar o fato de que *você*, apesar de não ser formal, evitaria uma intimidade à primeira vista”, confirmando a ideia já levantada anteriormente na leitura de outras pesquisas, de que *tu* demonstra uma fala mais íntima, enquanto *você* traduz menos intimidade entre falantes. Acreditamos que a afirmativa da autora ao dizer que “apesar de [*você*] não ser formal [...]” faz referência a pronomes de tratamentos com alto teor de formalidade e/ou intencionais para demonstrar respeito, como *Vossa Senhoria* ou *Senhor*, por exemplo.

Menon (2000) faz alusão a alguns outros trabalhos em seu texto, principalmente a pesquisas já realizadas por Loregian (orientada por ela), autora de trabalhos bastante significativos no âmbito da variação pronominal no Brasil (especificadamente, na região Sul e Sudeste do país).

Loregian-Penkal (2005) estuda a variação *tu/você* em lugar de pronome de segunda pessoa do singular, a partir do português falado em cinco cidades catarinenses. São elas: Florianópolis, Ribeirão da Ilha, Chapecó, Blumenau e Lages. A pesquisa teve como *corpus*, dados do projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL). Foram considerados doze informantes de Ribeirão da Ilha e vinte e quatro informantes das outras regiões, divididos em duas faixas etárias (não especificadas pela autora).

Loregian-Penkal (2005) detectou, em sua pesquisa, que o *tu* apareceu tanto em ocorrências de *tu* categórico, com e sem concordância, como em *tu partes o bolo* ou *tu parte o bolo*, como também alternando com *você* na fala individual dos informantes. Ou seja, houve informante que fez uso do pronome *tu* de maneira categórica, assim como existiu informante que mesclou os usos entre *você* e *tu* no

decorrer da entrevista. Para exemplificar essa afirmação, trouxemos dois exemplos apresentados pela autora, aqui temos um fragmento da fala de um informante que optou pelo uso, do *tu* de maneira exclusiva: “[...] porque **tu** tens que corrê em supermercado, \emptyset tens que corrê pra promoção. Então **tu** tens que me dá o dinheiro da compra”. (LOREGIAN-PENKAL, 2005, p.363). Já nesta passagem, temos um exemplo do discurso de um informante que alterna o uso de *tu* e *você* durante a gravação: “[...] **você** tem que ir até o fim. **Você** não pode dizer: ‘Ah, não, **tu** vais é morrer’. Não, você chega lá dizendo: ‘Não, isso aí ainda vai te reabilitá’ e coisa, hã? **Você** não pode dizer pra pessoa: ‘ \emptyset já tais morta.’ Isso não se faz”. (LOREGIAN-PENKAL, 2005, p.363). Esses dados mostram que existe variação entre *tu* e *você* nas regiões estudadas, inclusive no falar individual de alguns informantes, o que pode apontar que não há indícios de uma mudança em curso, mas da “convivência” entre as variantes.

A autora constatou que as localidades catarinenses Florianópolis e Ribeirão da Ilha apresentaram maior número de indivíduos que optam pelo *tu* categórico, ao passo que os moradores das regiões de Chapecó, Blumenau e Lages utilizam mais o pronome *tu* alternado com o pronome *você*, como é documentado na Tabela 06.

Tabela 06: Distribuição dos informantes quanto à alternância *tu/você*

Localidade	TU	VOCÊ	TU/VOCÊ	Total
Florianópolis	13	1	10	24
Chapecó	6	2	16	24
Blumenau	2	4	17	23
Lages	1	6	17	24
Ribeirão da Ilha	7	-	4	11
Total	29	13	60	106

Fonte: Loregian-Penkal, 2005, p. 364.

É significativo ressaltar o resultado de *você* categórico em Lages (seis ocorrências), que apresenta a maior frequência de ocorrências entre os demais.

Outro dado altamente significativo, foi o fato de em Ribeirão da Ilha haver a alternância de *tu/você* em meio a uma maioria de informantes que utilizam o *tu* categórico. A autora afirma que essa localidade é um tanto isolada e esses resultados demonstram que o pronome *você* já, pelas palavras dela, se “infiltrou” na região.

Portanto, a autora conclui que

na maioria das localidades do Sul por nós analisadas, o pronome *tu* permanece sendo uma forma bastante produtiva na linguagem oral. Logo, as frequentes generalizações de que “o pronome *você* substituiu/está substituindo o *tu* no PB” deveriam ser revistas, uma vez que não é isso que os dados reais estão mostrando, haja vista que todas as localidades por nós analisadas também compõem o PB. Além disso, há locais em que o pronome *você* vem sendo utilizado há bastante tempo, sem registro de etapa anterior de uso de *tu* (Curitiba, por exemplo). (LOREGIAN-PENKAL, 2005, p. 366)

Loregian-Penkal e Franceschini (2015) fazem um estudo da variação pronominal na região Sul brasileira, dando enfoque à variável Gênero, a partir da fala de vinte e quatro indivíduos residentes dos municípios de Porto Alegre, Panambi, São Borja e Flores da Cunha.

As autoras constataam, ao fim da pesquisa, que as mulheres condicionam a escolha do pronome *tu* (que é, nessa situação, mais conservador) nas regiões selecionadas, enquanto os homens tendem a optar pelo uso do pronome *você* (também em todas as regiões sulistas elencadas). Entretanto, a variável Gênero/Sexo é mais significativa quando combinada com as variáveis Escolaridade e Faixa Etária.

Na região Sul do Brasil, o *tu* é usado também por pessoas mais íntimas, em situações menos formais; o *tu* é, inclusive, utilizado por informantes mais velhos, sendo *você* mais frequente na fala de pessoas mais jovens e mais escolarizadas (as autoras focam aqui, na fala das mulheres). Loregian-Penkal e Franceschini (2015) reforçam a importância de correlacionar fatores para melhor compreender os fenômenos analisados em uma pesquisa sociolinguística, como por exemplo: Gênero/Sexo mais Faixa Etária ou Faixa Etária mais Escolaridade.

Franceschini (2011) realiza análises, em seu trabalho, a fim de compreender a realidade linguística da variação *nós/a gente* e *tu/você* no município de Concórdia, em Santa Catarina, no Sul do Brasil.

Nos resultados dessa pesquisa, o *tu* se mostrou predominante, com uma somatória de quinhentos e doze ocorrências (equivalentes a 55% dos dados) de um total de novecentos e vinte e seis ocorrências, ao passo que *você* se apresentou em 45% dos dados (quatrocentos e quatorze ocorrências de um total de novecentos e vinte e seis).

Um aspecto interessante, levantado pela autora, foi a consciência do valor linguístico dos informantes quanto a cada um dos pronomes. Os próprios falantes veem o pronome *tu* como o mais adequado para situações mais informais e mais íntimas, e o *você* como uma forma mais generalizada de tratar o interlocutor. Franceschini (2011) apontou um quadro com a síntese das respostas. Tal descrição pode ser verificada a seguir no Quadro 02.

Quadro 02: Opiniões dos falantes sobre os pronomes *tu/você*

TU	VOCÊ
<ul style="list-style-type: none"> - feio; - grosseiro; - desrespeitoso; 	<ul style="list-style-type: none"> - bonito; - suave; - respeitoso;
<ul style="list-style-type: none"> - mais restrito; - íntimo. 	<ul style="list-style-type: none"> - pode tratar todo mundo; - para quem não conhece.

Fonte: Franceschini, 2011, p. 219.

A referida autora conclui que a variação *tu/você* demonstra estar caminhando para uma mudança, em Concórdia, inclusive pelo teor de significância/valorização linguística que os informantes atribuem a uma variante (*você*) e o desprestígio pela outra (*tu*).

Apesar de *tu* ser muito utilizado na região, os informantes mais jovens tendem a usar *você* como pronome de tratamento de segunda pessoa do singular (dois

falantes do sexo masculino, ademais, fazem o uso categórico de *você*, e isso é um fator muito relevante para a pesquisa).

1.3.6 Sobre o que vimos

Ao realizar a análise da variação entre os pronomes *tu/você* como pronomes de segunda pessoa do singular por meio da divisão regional no território brasileiro, foi possível depreender que o pronome *tu*, ao contrário do que é pregado pela mídia e no discurso de muitos gramáticos da Língua Portuguesa (como Cunha e Cintra – 2008 –, que afirmam que o pronome *tu* está restrito às regiões Sul e Norte do Brasil), está muito presente na fala popular de todo o Brasil, sem exceção. E o mais interessante: o *tu* está sendo usado sem a marcação de segunda pessoa do singular (forma canônica nas gramáticas de Língua Portuguesa e modo utilizado no Português Europeu), bastante frequente com a conjugação na terceira pessoa do singular.

As regiões brasileiras onde *tu* se apresenta fortemente na fala dos informantes, são as regiões Norte e Sul (indicando que a afirmativa de Cunha e Cintra – 2008 – tem fundamento quanto à presença do pronome *tu* no dialeto das duas regiões, mas pecam ao restringir esses usos a essas localidades, já que tal pronome está presente em todo o território brasileiro). Entretanto, no Nordeste, *tu* é encontrado abundantemente nos municípios interioranos; e, na região Centro-Oeste, embora predomine a escolha por *você*, *tu* se revela constante na fala espontânea de descendentes de nordestinos.

Nas regiões Sul e Nordeste, a variável Faixa Etária foi considerada forte condicionadora para a escolha de um pronome ou outro. Os mais jovens tendem a optar pelo uso de *você* no Sul, enquanto os mais velhos optam pelo *tu*. Em Nogueira (2013), porém, vimos que os mais jovens tendem a usar *tu* no Nordeste, a medida que os mais velhos escolhem o *você*.

O fator Escolaridade também foi julgado como incisivo na escolha dos informantes. As pessoas menos escolarizadas optam, geralmente, por *tu*, ao passo que os mais escolarizados escolhem o *você*. Esse fato, portanto, pode justificar a realidade linguística do Brasil, em que vimos o pronome *tu* sendo comumente estigmatizado. Foi possível verificar que no falar de indivíduos de todas as regiões

do país, o pronome *tu* sofre estigma (mesmo que pouca). Os informantes, mesmo de maneira involuntária, priorizam o pronome *você* em situações mais formais. Essa observação nos leva a uma das constatações mais relevantes na maioria dos resultados das pesquisas elencadas: o fator Intimidade atribui excessiva influência na escolha por *tu* ou *você*. É notório que nas cinco regiões brasileiras, impreterivelmente, *tu* é utilizado entre pessoas mais íntimas e/ou em situações informais, e *você* segue sendo usado em conversas entre pessoas estranhas e/ou em situações mais formais.

Portanto, torna-se inoportuna a afirmação de Cunha e Cintra (2008), de que praticamente em todo o território brasileiro é evidente que *tu* foi substituído por *você* como forma de intimidade.

A partir das discussões levantadas nesse capítulo, foi possível conhecer um pouco acerca dos estudos sobre *tu/você* na Língua Portuguesa, assim como o processo de variação e mudança pelo qual passaram os pronomes de segunda pessoa do singular, *tu* e *você* (inicialmente, *Vossa Mercê*), ao passo que foram recebendo novas atribuições linguísticas com o transcorrer do tempo; além de compreender a conceituação desses pronomes através das gramáticas tradicionais de Língua Portuguesa, e ainda, explorar como acontece a variação *tu/você* nas diferentes regiões do Brasil.

Em continuidade a essas explicações, no próximo capítulo, iremos apresentar os pressupostos metodológicos dessa pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este trabalho tem como base o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa, constituído pelo sociolinguista William Labov. De acordo com Tarallo (1997), toda língua é heterogênea e diversificada; essa diversidade linguística é sistematizada, pois é através da sistematização que as comunidades de fala podem alcançar a comunicação efetiva. A Sociolinguística Quantitativa/Variacionista estuda o fenômeno linguístico correlacionando-o com aspectos estruturais e sociais que podem influenciar na escolha da variante. A pesquisa quantitativa é baseada em números, hipóteses e verificações. Segundo Labov (2008), o ponto de partida para uma análise sociolinguística é o uso linguístico, o vernáculo. O referido autor defende que o vernáculo é a língua falada sem a preocupação do *como*, a fala descontraída. Portanto, partimos desse pressuposto para analisar a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular (tu/você) quanto aos aspectos linguísticos e extralinguísticos, à procura de quais são os fatores que condicionam a utilização de *tu* e *você* na fala popular¹ dos municípios baianos Salvador e Amargosa.

Essa pesquisa recebe influência também, da Dialetoлогия, já que buscamos identificar características dialetais de duas áreas geograficamente distintas. A respeito desse ramo da Linguística, Cardoso (2010) menciona que:

A Dialetoлогия é o ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história. (CARDOSO, 2010, p. 15)

1 O conceito de fala popular, neste trabalho, segue a ideia de Callou e Leite (2002), que defendem que as normas vernáculas populares são oriundas dos usos linguísticos das comunidades menos escolarizadas. Neste caso, consideramos as falas de indivíduos com escolaridade fundamental e média.

Embora sejam muito parecidas, a Dialetologia e a Sociolinguística têm particularidades bastante diferentes quanto ao tratamento dos seus objetos de estudo. Sendo assim, é necessário sinalizar que embora tenhamos tomado como referência algumas técnicas metodológicas adotadas nas coletas de dados da área da Dialetologia (utilizamos, por exemplo, algumas perguntas do Questionário Morfossintático – QMS - do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, o ALiB), a nossa pesquisa está pautada, como já foi sinalizado, nos pressupostos da metodologia da Sociolinguística Variacionista/Quantitativa.

Neste capítulo, serão apresentados os *corpora* utilizados, assim como as cidades envolvidas na composição da pesquisa. Também os fatores linguístico-discursivos e sociais a serem analisados, juntamente com as respectivas hipóteses levantadas para nortear as análises no decorrer do estudo; e, posteriormente, será apresentada a maneira como foi realizado o controle quantitativo dos dados encontrados.

2.1 OS *CORPORA* UTILIZADOS

Na composição desta pesquisa, foi analisado um total de 24 inquéritos, divididos em dois *corpora* diferentes, um correspondente a cada localidade estudada, no intuito de assegurar a equivalência dos dados na observação das duas cidades em questão. Para a realização da pesquisa acerca da fala popular de Salvador, foram utilizados 12 inquéritos que fazem parte do projeto do *Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador* (o PEPP). Já para o estudo sobre a fala popular de Amargosa, foram gravados 12 inquéritos, no ano de 2016, seguindo os mesmos critérios adotados pelo PEPP, em decorrência da ausência de um *corpus* já elaborado na região.

A seguir, serão apresentados os *corpora* que compõem este estudo.

O *Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador*, PEPP, começou a ser constituído no ano de 1998, tendo a conclusão das gravações dos inquéritos que o compõem em 2000. Já havia *corpora* menores sobre os dialetos populares de algumas cidades na Bahia, através de projetos de dissertações e teses; mas abordando a fala soteropolitana, tínhamos apenas o *corpus* do *Projeto*

Norma Linguística Urbana Culta, o NURC, que é composto por inquéritos de informantes com escolaridade superior (universitária). Então, no intuito de suprir a necessidade de atualizar as amostras do português falado em Salvador, assim como registrar a fala popular de informantes com escolaridade fundamental e média da capital baiana, as professoras Norma da Silva Lopes, Constância Maria Borges de Souza e Emília Helena Portella Monteiro de Souza, durante o curso de doutorado, formaram o PEPP.

O PEPP é composto por 48 inquéritos estilo DID (diálogo entre informante e documentador), com duração de aproximadamente 40 minutos, 16 deles transcritos e publicados no livro *Um estudo da fala popular de Salvador – PEPP*. Os informantes são homens e mulheres em igual número, com escolaridade fundamental e média, distribuídos em quatro faixas etárias: a primeira de 15 a 24 anos; a segunda faixa com informantes de 25 a 35 anos, a terceira de 45 a 55 anos e a quarta faixa etária, com entrevistados de 65 anos em diante. O projeto em questão buscou seguir os mesmos critérios adotados pelo Projeto NURC, no intuito de que as amostras ficassem mais próximas para uma futura comparação. Esses critérios são defendidos por William Labov para garantir um registro fiel da fala vernácula da comunidade: os informantes deveriam ser naturais de Salvador ou vivido na capital desde muito pequenos e permanecido a maior parte de suas vidas no local, da mesma forma que os seus pais, para que houvesse a menor interferência de outros dialetos em suas escolhas linguísticas. À procura de registrar o vernáculo, as inquiridoras utilizaram como tema das entrevistas, por exemplo, a educação do passado e do presente, os castigos e a relação entre pais e filhos; escolha que contribuiu bastante, segundo Lopes, Souza e Souza (2009), para o clima informal da conversa.

De acordo com Miriam Barbosa (em LOPES, SOUZA E SOUZA, 2009, p. 09), a principal função do livro *Um estudo da fala popular de Salvador – PEPP* é “estimular o conhecimento da língua de outros grupos sociais, daqueles que não lograram todas as etapas da educação formal e que por isso reagem diferentemente às mudanças”.

Para esta pesquisa, foram selecionados os inquéritos expostos no quadro a seguir:

Quadro 03: Perfil dos informantes do Projeto de Estudos do Português Popular Falado de Salvador – PEPP

	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
Faixa I (15 a 24 anos)	Homem	23 anos	Fundamental
	Mulher	16 anos	Fundamental
	Homem	24 anos	Média
	Mulher	20 anos	Média
Faixa III (45 a 55 anos)	Homem	51 anos	Fundamental
	Mulher	45 anos	Fundamental
	Homem	51 anos	Média
	Mulher	53 anos	Média
Faixa IV (65 anos em diante)	Homem	66 anos	Fundamental
	Mulher	69 anos	Fundamental
	Homem	73 anos	Média
	Mulher	68 anos	Média

O PEPP tem sido muito importante para os estudos sociolinguísticos e serve, hoje, de fonte de pesquisa para dissertações de Mestrado, teses de Doutorado assim como para monografias de cursos de Graduação e Especialização.

Nesta pesquisa, como pôde ser observado no Quadro 03, foram escolhidas três faixas etárias a fim de compor a coletânea para o estudo em questão; as faixas I, III e IV. A faixa etária II foi descartada por estar muito próxima da primeira (julgamos relevante a abordagem através de grupos etários mais distintos), além da necessidade de otimizar o tempo disposto para a coleta dos dados. Os falantes estão distribuídos da seguinte maneira: 04 informantes por faixa etária, 02 homens e 02 mulheres (01 homem e 01 mulher para cada nível de escolaridade – Fundamental e Média).

A coleta de dados da fala popular de Amargosa foi realizada a partir de inquéritos gravados *in loco* nos meses de abril, novembro e dezembro de 2016. Foram necessárias duas viagens para completar as gravações, duas gravações foram realizadas em Salvador, enquanto os informantes estavam na cidade. Desde 2015, foi estabelecido contato com uma moradora do município para tentar encontrar pessoas com os perfis necessários e dispostas a participar da pesquisa.

Seguindo o pressuposto metodológico da Sociolinguística Quantitativa, os indivíduos deveriam ter nascido na região ou ido morar no local desde muito cedo, assim como os seus pais, para que não houvesse grande interferência de traços linguísticos de outras localidades em suas falas. Seguimos as exigências adotadas pelas pesquisadoras do PEPP na procura dos informantes, a fim de manter a equivalência dos dados, buscamos homens e mulheres em igual número (06 homens e 06 mulheres) dentro das três faixas etárias estabelecidas: na primeira faixa, indivíduos com 15 a 24 anos, na terceira, aqueles com 45 a 55 anos e, para a quarta faixa etária, foram selecionados falantes com 65 em diante; com escolaridade fundamental e média. Os inquéritos são estilo DID (diálogo entre informante e documentador), assim como o PEPP, e têm duração de aproximadamente 30 a 35 minutos. As gravações foram realizadas através do gravador de voz de um aparelho celular da marca *Samsung Gran Neo Plus* e transferidas para um notebook, de onde foi possível ouvir e transcrever os inquéritos.

Apesar do contato prévio, a escolha dos informantes se deu efetivamente, somente após a chegada da pesquisadora na região, e o encontro com todos os informantes foi estabelecido com a ajuda de pessoas da comunidade com quem a inquiridora já havia realizado prévia comunicação; mesmo assim, encontrar informantes dispostos a participar da pesquisa e que respondessem a todas as exigências pré estabelecidas foi um trabalho difícil. No intuito de minimizar o efeito negativo causado por uma pessoa estranha portando um gravador frente aos amargosenses (situação que já havia sido prevista como o "paradoxo do observador", exemplificada na metodologia laboviana), a fim de obter uma conversa o mais natural possível, foi demonstrado um grande interesse pela história da cidade. O guia-questionário (uma espécie de roteiro) para nortear as entrevistas teve como temas: a infância e adolescência, fatos que marcaram esses períodos na vida do informante; castigos, comportamentos; informações sobre a cidade, também indicações de bons lugares para conhecer melhor o local ou passear; conhecimentos sobre simpatia, receita de comida típica ou formas de ganhar o próprio sustento; e, ainda, a maneira que o informante se dirige a um amigo. As perguntas seguiram as temáticas, com alguns questionamentos mais detalhados, a depender do desenvolvimento da conversa (como a relação com os netos, a educação na região, etc.) Os temas e perguntas do guia-questionário estão dispostos no Apêndice 01.

Antes das gravações, foi aplicada uma ficha cadastral, para obter maiores informações sobre o informante (Anexo 01) e foi também solicitada a leitura e assinatura do termo de consentimento de uso dos dados gravados durante a pesquisa (disponível no Apêndice 02).

Em Amargosa, foram realizados os inquéritos apresentados no Quadro 04:

Quadro 04: Perfil dos informantes de Amargosa – Bahia

	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
Faixa I (15 a 24 anos)	Homem	16 anos	Fundamental
	Mulher	19 anos	Fundamental
	Homem	23 anos	Média
	Mulher	23 anos	Média
Faixa III (45 a 55 anos)	Homem	53 anos	Fundamental
	Mulher	46 anos	Fundamental
	Homem	51 anos	Média
	Mulher	45 anos	Média
FAIXA IV (65 anos em diante)	Homem	93 anos	Fundamental
	Mulher	82 anos	Fundamental
	Homem	62 anos ²	Média
	Mulher	76 anos	Média

Após a gravação dos inquéritos, todo o material coletado passou pela fase de validação. Todas as gravações foram ouvidas para que se procedesse à transcrição. Felizmente todos os registros foram armazenados perfeitamente, com falas legíveis e áudios de boa qualidade.

2 Este informante, em especial, foi incluído na pesquisa, em razão da dificuldade de encontrar informante homem, que estivesse com idade de 65 anos ou mais, com escolaridade média e disposto a contribuir com a gravação. Portanto, por ter idade aproximada à estipulada inicialmente e por ter aceitado participar da pesquisa, preenchendo os demais quesitos (morador da região, com pais também amargosenses), tal informante foi incluído no *corpus*.

Os textos orais foram transcritos de acordo com as normas definidas pelo Projeto NURC, assim como fizeram as pesquisadoras do PEPP. A transcrição foi realizada de maneira grafemática, de forma bastante próxima das normas ortográficas em vigor, no intuito de construir um material acessível ao maior número de pesquisadores possível. Sendo assim, foram adotados os seguintes critérios para as transcrições:

- a) Os traços fonéticos não foram sinalizados (como por exemplo, a presença de vogais altas ou baixas, como em Escola ou iscola; a redução de ditongos, como em fe(i)ra, falo(u); entre outros casos);
- b) Quando houve ocorrências, as formas contractas foram transcritas da maneira como foram pronunciadas (como por exemplo: pro(s), num(s), né, viu, tá, etc);
- c) As hesitações da fala, autocorreções, assim como palavras truncadas, foram indicadas por reticências, da seguinte maneira: ...;
- d) Os trechos inaudíveis ou ininteligíveis foram sinalizados pela abreviação entre parênteses: (inint);
- e) Os risos durante ou após a elocução, foram indicados entre parênteses da seguinte forma: (risos);
- f) As citações e as reproduções de discursos diretos foram apresentadas entre aspas;
- g) As palavras de origem estrangeira foram sinalizadas em itálico;
- h) As datas e indicações numéricas foram transcritas grafematicamente;
- i) Os nomes próprios citados nos inquéritos, exceto os de pessoas públicas, foram identificados por suas iniciais maiúsculas, no intuito de preservar a identidade dos informantes e dos indivíduos citados por eles;
- j) Para também preservar a identidade dos indivíduos que participaram da pesquisa, a identificação dos informantes em cada inquérito foi realizada pelo seu número de catalogação nos arquivos da pesquisa;
- k) A fala de outro indivíduo que por ventura tenha sido registrada nas gravações, foi sinalizada pela abreviatura CIRC, de circunstante.

Nesse trabalho, assumimos alguns critérios para apresentar os dados sociais dos *corpora* utilizados nas exemplificações no decorrer do texto. Os parâmetros adotados são os seguintes:

a) logo após o trecho do inquérito, identificamos o *corpus* ao qual pertence (**PEPP** representando o Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador e **AMG** para representar os dados que foram gravados no município de Amargosa);

b) em seguida identificamos o número original dos inquéritos (tanto no PEPP, como nas gravações realizadas pela mestrandia);

c) sinalizamos, então, o sexo do informante (**H** para homem e **W** para mulher);

d) a quarta referência indica a faixa etária (**1/3/4**);

e) por fim, é identificada a escolaridade (**F** = fundamental e **M** = média).

Abaixo, alguns segmentos identificados, para ilustrar:

(02) E hoje em dia *you* está vendo. (PEPP/20/H/1/M)

(03) “Tia I., *you* me dá um beijo?” (PEPP/36/W/3/F)

(04) O que *you* pode pensar de asseio. (AMG/02/H/4/F)

(05) e *tu* come de boa, achando que é camarão. (AMG/03/W/3/M)

2.2 O LOCUS DA PESQUISA

O estado da Bahia é localizado na região Nordeste do Brasil; dispõe de uma área de 564.733,081 km², e, de acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2010, atualmente, possui cerca de mais de quinze milhões de habitantes. A economia da Bahia tem como base a agropecuária, a indústria e o turismo.

Mapa 01: Localização do Estado da Bahia no Brasil



Fonte: <http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=3131&lg=pt>

O estado se destaca pela cultura marcante, pautada na combinação de costumes africanos, indígenas e europeus, diversidade que marcou também a construção da população brasileira. A Bahia recebeu um grande contingente de africanos, trazidos ao país e escravizados, para trabalhar em engenhos e fazendas, por isso, a influência das culturas africanas é muito forte na região, permanecendo em destaque até os dias atuais na culinária, religião e música.

A Bahia é composta de 417 municípios, tendo como capital o município de Salvador. Neste trabalho, propõe-se estudar a fala popular das cidades baianas Salvador e Amargosa.

2.2.1 Salvador

Figura 02: Fotografia da Cidade de São Salvador - BA



Fonte: <https://www.viajandoevivendo.com.br>

No século XV, a região onde está localizada a Cidade de São Salvador era habitada pelos índios tupinambás. No ano de 1501, Gonçalo Coelho, comandante da primeira expedição exploratória no local, instalou o padrão de posse português no Dia de Todos os Santos; e, em razão da data, a extensa baía em volta do território foi batizada de Baía de Todos os Santos, nome mantido até a atualidade. Em 1509, surgiu o primeiro povoado com a integração de europeus na localidade, com a chegada de sobreviventes de um naufrágio na Costa da Baía, entre eles, Diogo Alvares Correa (conhecido na história como Caramuru). Em meados do século XVI, o Brasil passou a ser conhecido como uma terra promissora e, a partir do ano de 1549, teve início o processo de colonização do Brasil, de fato.

Salvador foi a primeira cidade constituída em território brasileiro. Anteriormente, existiam ilhas criadas nas capitânicas pelos donatários. Há controvérsias quanto à data exata da fundação da cidade do Salvador (mês e dia). Segundo Tavares (2008), por não existir documento específico que registre e comprove essa data, uma comissão de representantes do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, da Academia de Letras da Bahia e do Centro de Estudos Baianos, sugeriu o dia 29 de março para simbolizar a data de fundação da cidade.

Como justificativa, foi argumentado que neste dia aconteceu (e está devidamente registrado) o desembarque do primeiro governo-geral na enseada do Porto da Barra.

Na dupla condição de cidade-fortaleza e centro administrativo, a cidade do Salvador passou a crescer em dois planos: Cidade Baixa, bairro da Praia, formando comprida rua à direita da Ribeira das Naus e das casas comerciais; e Cidade Alta, bairros de São Bento, Palma, Desterro, Saúde e Santo Antônio Além do Carmo. (TAVARES, 2008, p. 123)

Salvador teve grande importância na história do Brasil, foi entre, os séculos XVI e XVIII, um dos principais elos entre Portugal, o litoral da Ásia e o sul da África; foi a capital do país até o ano de 1763. Até o início do século XIX, a cidade de São Salvador era a maior do Brasil e, atrás de Lisboa, a segunda maior cidade do Império Lusitano. Porém, perdeu lugar para a então capital brasileira no século XIX, o Rio de Janeiro.

Em 1912, Salvador foi bombardeada a mando do Presidente da República, Hermes da Fonseca, e os registros históricos preservados na Biblioteca Pública (a primeira do país) foram destruídos. Até os anos 1930, patrimônios históricos foram demolidos para a “inovação da cidade” (a criação de grandes avenidas e implementação de bondes), modificando radicalmente a capital baiana. A segunda grande reconstrução urbanística de Salvador teve início nos anos 1960; houve a implementação da Avenida Contorno, que hoje liga os dois planos da cidade (a Cidade Baixa e a Cidade Alta). Nos anos 1970, a Avenida Paralela, o Centro Administrativo da Bahia (CAB) e a nova Rodoviária começaram a ser implementados, e, até hoje, no século XXI, a cidade continua ganhando extensão. Todas essas modificações visam auxiliar no crescimento e desenvolvimento da região.

Mapa 02: Localização da Cidade de São Salvador, no estado da Bahia



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Salvador_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Salvador_(Bahia))

Salvador, atualmente, é a cidade-sede da Região Metropolitana de Salvador, popularmente conhecida como Grande Salvador; é a capital do estado da Bahia, com área territorial de 692,820 km² e, pela estimativa do Censo do ano de 2010 do IBGE, esperava-se em 2015, que o município estivesse com aproximadamente 2.921.087 habitantes (em 2010, a contagem foi de 2.675.656 habitantes).

Enriquecida pela mistura de culturas (a população formada por, principalmente, índios, africanos e europeus) no decorrer da sua formação, Salvador é hoje um local muito conhecido pela sua culinária, música e festejos, principalmente o Carnaval. Toda essa diversidade, obviamente, reflete também na constituição do português falado na região.

2.2.2 Amargosa

Figura 03: Fotografia da Praça Lourival Monte, em Amargosa – BA.



Fonte: <https://www1.ufrb.edu.br>

A região onde é hoje o município de Amargosa era habitada pelos índios Sapuyás e Kariris, que viveram na região até o final do século XIX, quando foram retirados do local pelos colonizadores. De acordo com Lomanto Neto,

[...] a ocupação da região pelos colonizadores europeus foi cruel com os povos indígenas que foram dizimados na região e com os negros que aqui chegaram na condição de escravos para executarem os trabalhos na cultura do café. As primeiras bandeiras chegaram à região por volta de 1670, porém, data do início do século XIX a chegada das primeiras famílias de colonizadores portugueses, onde hoje está localizado o município de Amargosa, sendo seus desbravadores os Correia Caldas e os Costa Moreira. Mas foi no final do século XIX que chegaram levas de famílias de europeus portugueses atraídas pela próspera economia da região cujos descendentes são os Almeida, Amaro, Andrade, Barros, Britto; Calmon, Gonçalves, Muniz, Oliveira, Pereira, Rebouças, Ribeiro, Santos, Silva, Souza, Vaz Sampaio. As famílias italianas: Bartilotti, Checucci, Contelli, Ferrari, Lomanto, Longo, Maimone, Orrico, Scaldaferrri, Tude, Vinhola, Vita; e os D'Ávila, espanhóis. A maioria destas famílias desenvolveu atividades no comércio com os armazéns de secos e molhados – empórios, na exportação e

importação e na área rural, com plantio de café e fumo. (LOMANTO NETO, 2007, p. 154-155)

Portanto, o plantio de café e fumo foi o que mais favoreceu a aglomeração de algumas famílias na localidade. Dessa forma, começou a ser estabelecido um povoado (por volta dos anos de 1825 a 1830), contribuindo para o crescimento econômico da região. Em razão do desenvolvimento do povoado através das plantações de café e fumo, o local logo passou a se constituir em um ponto de troca comercial com o Sertão. Esse crescimento teve como consequência a elevação de categoria do povoado para Freguesia de Nossa Senhora do Bom Conselho, em 30 de junho de 1855. A freguesia, que dependia de resolver questões políticas em Vila de Tapera (atual município de Santa Terezinha), foi em 21 de abril de 1877, desmembrada de Tapera e, então, intitulada Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa; a instalação oficial aconteceu em 05 de fevereiro de 1878. A região foi crescendo cada vez mais em razão do comércio, e enfim, em 1891, foi elevada à categoria de cidade, passando a ser denominada apenas por Amargosa. A origem do nome da cidade advém de uma espécie de pomba de cor pardocinzento e lustro roxo, comum na região e denominada Pomba-Amargosa. É dito que a carne do animal é muito saborosa, embora amarga; e, por esse motivo, atraía caçadores à região, que exclamavam: “Vamos às amargosas!”.

A relevância da região ficou evidente em 1892 com a construção do Ramal da Estrada de Ferro de Nazaré, interligando Amargosa ao porto de Nazaré. Através do Ramal, eram efetuadas as saídas dos produtos de exportação (no caso, o café e o fumo), o que facilitou o comércio direto com os grandes centros no Brasil e na Europa. De acordo com Raul Lomanto Neto,

no início do século XX, o município remodelou seu quadro urbano, foram instaladas diversas indústrias, hotéis, teatros, passando a ser considerada durante vários anos como a “pequena São Paulo”. A cidade mantinha diversas instituições sobressaindo a Santa Casa de Misericórdia, Hospital filantrópico mantido pela irmandade. As marcas desse apogeu estão presentes ainda hoje, na arquitetura de Amargosa, apesar de bastante modificada. A década de 30 do século passado foi marcada pelas construções de grandes obras, marcas do passado onde a riqueza da região era ostentada junto com os grandes casarões. Em 1934, Dr. Lourival Monte, Interventor em Amargosa, inaugura o Jardim que leva o seu nome, até hoje um

ponto de contemplação na cidade. A construção da Catedral é concluída em 1936, e logo após a demolição da antiga igreja, no local, é construído um Cristo Redentor pelo escultor Pedro Ferreira. (LOMANTO NETO, 2007, p. 155-156)

O comércio em Amargosa começou a decair com a exigência do Instituto Brasileiro do Café (IBC), de que para a comercialização, o café deveria, desde então, ser despulpado; mas os comerciantes do município não possuíam condições de fazer tal processo, a tecnologia disponível na região não era suficiente. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e as severas mudanças na economia em todo o mundo, houve também consequências negativas na exportação da localidade. Para piorar a situação, em resposta à globalização e o interesse econômico nas indústrias, as regiões periféricas foram decaindo, deixando de ser parte importante na economia brasileira. Os habitantes da região foram, aos poucos, se mudando para municípios vizinhos, e como expos Lomanto Neto, o município passou de

uma economia baseada em culturas de exportação para um modelo mais excludente, concentrador e degradador, que é a pecuária. Amargosa entra em decadência e perde a hegemonia econômica para Santo Antônio de Jesus, Jequié e Feira de Santana, cuja localização junto às estradas recém construídas lhes é mais favorável. Estas cidades apresentavam maiores vantagens logísticas e passam a ser um pólo de serviços, deixando Amargosa com um papel secundário na região. (LOMANTO NETO, 2007, p. 158)

Amargosa retomou a sua importância na economia por meio de investimentos no turismo, através da sua festa de São João, conhecida internacionalmente, além de investimentos no comércio e na indústria. Atualmente é sede da 29ª Região Administrativa do Estado e com a implantação do Centro de Formação de professores da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), no ano de 2006, a pretensão é de que o município se desenvolva cada vez mais.

Mapa 03: Localização do município de Amargosa, no estado da Bahia



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Amargosa>

Amargosa está situada na mesorregião do Centro-Sul Baiano, no Vale de Jiquiriçá, com uma área territorial de 431,673 km². De acordo com o Censo do ano de 2010 do IBGE, estima-se que atualmente a cidade seja constituída por mais de trinta e sete mil habitantes; no ano de 2010 calculou-se 34.351 habitantes. A região é hoje conhecida também, como Cidade Jardim, em razão da beleza de seus jardins e praças. É imprescindível ressaltar a importância da imigração e colonização europeia e a sua contribuição nas construções e costumes do município, assim como a cultura africana, que deixou marcada a sua herança, seja na religião, música e alimentação local. Essas influências (europeias e africanas) se estendem ao modo de falar dos amargosenses.

2.3 OS GRUPOS DE FATORES ANALISADOS

O objetivo desta pesquisa é investigar quais são os fatores que condicionam as escolhas de falantes soteropolitanos e amargosenses frente à variação *tu/você* no português popular de Salvador e Amargosa, na Bahia. Sendo assim, foi estabelecida a referência pronominal à segunda pessoa do singular como variável dependente, e como variantes, as formas *tu* e *você*. Como é exemplificado a seguir:

(06) e se *tu* for católica, ir na igreja e tal. (AMG/04/W/1/M)

(07) e *ocê* vê fumando assim em barzinho. (PEPP/20/H/1/M)

Nós encontramos, também, casos com a contração do pronome *ocê*, comum na fala vernácula atual, o *cê*. Como é possível verificar nos fragmentos a seguir:

(08) *Cê* tá entendendo não tá?! (AMG/08/H/3/M)

(09) O que tivesse na mão do véio a gente... *cê* recebia noombo
(AMG/11/H/4/M)

Para esses casos, nós consideramos o *cê* como ocorrências de *ocê*.

Foi encontrada, também, ocorrência de *vós*, como é possível verificar em (10), mas não consideramos esses casos, visto que nossa atenção está centrada nos usos de *tu* e *ocê*.

(10) De lá eu vim me embora. Ele veio. *Aí*, foi *aí*, no meu sofrimento lá, que eu disse: “Assim, meu S. Judas, como eu pedi a *vós* pra vim pra aqui, *vós* vai me levar de volta.” (PEPP/01/W/4/F)

Entre os fatores linguístico-discursivos que possivelmente podem estar condicionando as escolhas nos usos de uma variante ou outra, elegemos seis variáveis e dezessete variantes para análise. Foram estas:

- Função sintática do pronome (sujeito ou não sujeito);
- Tempo verbal da frase (passado ou não passado);
- Tipo de frase (declarativa ou não declarativa);
- Tipo de discurso (atual, relato de outrem ou relato próprio);
- Tipo de referência (específica ou genérica);
- Tipo de enunciado (narração, declaração, ordem, questionamento, advertência, afirmação).

A fim de apurar a relevância de fatores sociais que podem estar influenciando as escolhas dos informantes, foram selecionadas quatro variáveis. A saber:

- Sexo (homem/mulher)
- Faixa etária (I: 15 a 24 anos/III: 45 a 55 anos/IV: 65 anos em diante);
- Escolaridade (fundamental/média);
- Localidade (Salvador/Amargosa).

A seguir, exploraremos mais acerca da seleção das variáveis escolhidas e o que se procura encontrar a partir destas análises.

2.3.1. Função Sintática

A variável *função sintática* foi selecionada para análise a fim de verificar se a função do pronome referente à segunda pessoa do singular na sentença, interfere na escolha dos usos, uma vez que é possível encontrar as variantes (*tu* e *você*) em posição de sujeito ou não (como objeto, por exemplo).

a) Sujeito

(11) *Tu* queria ver coisas antiga, é? (AMF/04/W/1/F)

(12) “Então *você* não fique brigando com ela”. (PEPP/36/W/3/F)

b) Não Sujeito

(13) “Minha filha, eu liguei pra *você* agora”. (PEPP/17/W/3/M)

(14) Como tô falando pra *você*, hoje tá tudo muito... (AMG/08/H/3/M)

Seguindo a lógica adotada por Nogueira (2013) e Mota (2008), acreditamos que quando em função de sujeito, o pronome de escolha do informante tende a ser o *você*, assim como o *tu* é favorecido pela função [- sujeito].

2.3.2. Tempo Verbal

A partir da escolha desta variável, buscamos avaliar a relevância do tempo verbal na escolha entre *você* e *tu*. Os fatores selecionados para análise são:

a) Passado

(15) Mas *você* fazia exame de admissão. (PEPP/24/H/3/M)

(16) O caldo que *tu* cozinhou o frango. (AMG/03/W/3/M)

b) Não Passado

(17) Eu até dou risada da sua geração, *você* senta numa mesa, tá a pessoa do lado, vocês tão mandando mensagem pra ele, invés de conversar pessoalmente.

(AMG/08/H/3/M)

(18) Fala todas as besteiras que *você* pode imaginar. (PEPP/17/W/3/M)

Acreditamos que o fator [- passado] influencie a escolha pelo pronome *você*.

2.3.3. Tipo de Frase

a) Declarativa

(19) Depois *você* vai parar para conversar. (PEPP/20/H/1/M)

(20) Aí *você* vem com a goma, bota numa vasilha. (AMG/06/W/4/M)

b) Não Declarativa

(21) *Tu* vai pra onde, criatura? (AMG/03/W/3/M)

(22) *Você* chegou a fazer sabatina no colégio? (PEPP/34/H/4/F)

Este fator foi escolhido a fim de analisarmos se o fato de o informante estar declarando algo, influenciaria na sua escolha. Supomos que as frases não declarativas podem influenciar a escolha pelo uso do pronome *tu*.

2.3.4. Tipo de Discurso

Para esta variável, consideramos três variantes: *discurso atual*, *relato próprio* e *relato de outrem*.

a) Consideramos como discurso atual, aquele gerado no momento da conversação:

(23) Como aqui é cidade grande, *você* tem que tá sempre atenta a tudo que tá acontecendo. (AMG/07/W/1/M)

(24) Não vale a pena *você* ganhar esse dinheiro, Inq. 14, (PEPP/14/H/4/M)

b) É considerado relato próprio, a reprodução da própria fala durante a narração de alguma situação:

(25) Falei com ele: “meu pai, *você* , olhe” (PEPP/12/W/1/M)

(26) Eu pergunto: “pra onde *você* vai?” (AMG/12/W/3/F)

c) O discurso com relato de outrem é considerado em decorrência da reprodução da fala de uma outra pessoa em uma situação narrada:

(27) As pessoas só falam: “Ah! *Você* fala é do interior, né?!” (AMG/07/W/1/M)

(28) Aí chegou disse, “ *você* não quer trabalhar comigo não?” (PEPP/37/H/3/F)

Supomos que o *relato próprio* condicione o uso do *tu* , ao passo que o *relato de outrem* condicione a escolha pelo *você* .

2.3.5. Tipo de Referência

a) Específica

(29) “Venha, agora é *você* , venha responder”. (PEPP/01/W/4/F)

(30) Ein, V.?! Por que não levou *tu* pra fazer entrevista também? (AMG/10/H/3/F)

b) Genérica

(31) Aí *você* não entende quem faz tudo sozinha, solidão é horrível.

(PEPP/41/W/4/M)

(32) Porque no interior *você* conhece todo mundo. (AMG/01/H/1/M)

Acreditamos que o pronome *você* seja usado em situações mais genéricas, assim como o *tu* seja utilizado em situações mais específicas, inclusive, na relação entre pessoas mais íntimas, como é defendido por diferentes trabalhos sociolinguísticos acerca do tema como, por exemplo, o de Mota (2008). E como foi possível observar também, em conversas prévias com os informantes de Amargosa; alguns amargosenses se referem aos familiares com o pronome *tu*, mas com pessoas menos próximas, utilizam o *você*. Optamos por não avaliar o nível de intimidade como variável, em razão do pouco tempo disponibilizado para uma pesquisa de mestrado (dois anos).

2.3.6. Tipo de Enunciado

Julgamos que o tipo de enunciado pode também influenciar a escolha pelo uso de *tu* ou *você*. Seleccionamos, portanto, seis variantes a fim de verificar a atuação destes fatores na variação *tu/você*. As variantes são:

a) Narração (ou descrição ou instrução)

(33) Aqui, pra *você* conhecer melhor, seria... (AMG/09/H/1/F)

(34) Nessa hora que *você* está com pressa é que não sai bom. (PEPP/24/H/3/M)

b) Declaração (ou anúncio)

(35) Aí *cê/você* vai ter que ficar dentro de casa trancada. (AMG/11/H/4/M)

(36) “*Você* tem condição de ter três empregos”. (PEPP/17/W/3/M)

c) Ordem (ou convite ou pedido)

(37) “*Você* vá brincar!” (PEPP/20/H/1/M)

(38) “*Você* tem que fazer isso!” (AMG/12/W/3/F)

d) Questionamento (ou hesitação)

(39) *Você* não conhece não? (AMG/02/H/4/F)

(40) “*Você* ficou com esse menino?” (PEPP/12/W/1/M)

e) Advertência (ou ameaça)

(41) “Vou cuspir, se o cuspe secar, *you* vai tomar uma surra.” (AMG/12/W/3/F)

(42) “Mainha disse que não é para *you* pegar!” (PEPP/36/W/3/F)

f) Afirmação

(43) “*You* xingou minha mãe”. (PEPP/34/H/4/F)

(44) Realmente, *you* não pode fazer uma avaliação. (AMG/02/H/4/F)

Temos por hipótese que as variantes *ordem* e *advertência* podem pesar na escolha do *tu*, assim como a *declaração*, *narração* e *afirmação*, concordando com Gomes de Deus (2009), colaboram para o uso de *you*. Ressaltamos, porém, que considerando a variação diatópica, em Amargosa, a variante *narração* pode, ao contrário de Salvador, influenciar o uso do *tu*.

2.3.7. Sexo

a) Homem

b) Mulher

De acordo com Moreno Fernández (2009), a variável *sexo* está muito relacionada aos padrões linguísticos de prestígio:

[...] la figura de la mujer aparece destacada, no solo por su tendencia al seguimiento de lo prestigioso, sino, tal vez en relación con ello, por su capacidad para liderar procesos de cambio linguístico dentro de la comunidad y servir como modelo de habla, [...]³ (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 43-44)

As mulheres tendem a optar por variantes de maior prestígio, para se impor socialmente, ao contrário do que é comum aos homens. Mas "el *sexo* puede mostrarse, portanto, más como un factor de segundo orden, como algo que suele subordinarse a dimensiones sociales diferentes y con mayor poder de

3 A figura da mulher é destacada, não só pela sua tendência em acompanhar o que é de prestígio, mas talvez, neste contexto, por sua capacidade de liderar processos de mudança linguística dentro da comunidade e servir como modelo de fala. (Tradução nossa)

determinación." ⁴ (MORENO FERNÁNDEZ, 2009, p. 41) Sendo assim, a variável *sexo* será avaliada tendo por hipótese que as mulheres, em Salvador, utilizem mais o *você*, ao passo que em Amargosa essa diferença não seja tão evidente, por acreditarmos que a diatopia predomine em relação à variável em questão. Se necessário, esta variável pode ser combinada com outros fatores para alcançarmos um resultado mais específico.

2.3.8. Faixa Etária

- a) I - 15 a 24 anos
- b) III - 45 a 55 anos
- c) IV - 65 anos em diante

A variável *faixa etária* é muito relevante em grande parte dos estudos sociolinguísticos no intuito de verificar se a idade dos informantes tem interferência significativa na variação analisada, visto que é possível observar a variação e mudança através das faixas etárias dos indivíduos, a partir do comportamento linguístico de cada grupo etário. Neste caso, julgamos importante a análise desta variável a fim de averiguar se a variação pronominal na Bahia é uma variação estável ou configura uma mudança em curso.

2.3.9. Escolaridade

- a) Fundamental
- b) Média

A variável *escolaridade* tem grande importância na avaliação de fenômenos com uma variante de mais prestígio linguístico concorrendo com outra de menor prestígio. Neste caso, como acreditamos que a variação *tu/você* é mais marcada

4 O sexo pode se mostrar, portanto, mais como um fator de segunda ordem, como algo que geralmente se subordina a dimensões sociais diferentes e com maior poder de determinação. (Tradução nossa)

pela diatopia e que o *tu* em Amargosa não possui carga negativa, supomos que o fator escolaridade não irá interferir tanto nas escolhas dos pronomes no município do interior da Bahia. Entretanto, acreditamos ser importante a inclusão desta variável para confirmar ou revogar nossa hipótese. Em Salvador, porém, acreditamos que o *você* será utilizado mais por informantes com maior nível de escolaridade, em razão de *você* ter maior prestígio na capital baiana.

2.3.10. Localidade

a) Salvador

b) Amargosa

Acreditamos que o pronome *tu* será muito mais frequente na fala dos amargosenses, ao ponto que *você* será mais utilizado pelos soteropolitanos. É notável o uso de *tu* na fala de Amargosa, por indivíduos com maior ou menor escolaridade; portanto, julgamos que esta variação pronominal está marcada fortemente pela variável *localidade*.

2.3. CONTROLE QUANTITATIVO DOS DADOS

Após a coleta dos dados a partir dos inquéritos impressos do PEPP e da gravação, transcrição e coleta dos dados dos inquéritos gravados em Amargosa, nós preparamos esses materiais para serem rodados e quantificados através do pacote de programas GoldVarb (versão atualizada, do ano de 2001, do antigo pacote de programas Varbrul).

O Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama 'multivariada' porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. (GUY e ZILLES, 2007, p. 105)

Através do Varbrul (no caso dessa pesquisa, o GoldVarb), é possível apontar quais as variáveis independentes que condicionam ou não condicionam a escolha das variantes dependentes, favorecendo ou não um determinado processo variável, assim como, de acordo com Guy e Zilles (2007, p. 106), “permite a construção de um modelo completo e específico dos processos e efeitos, faz os testes de significância etc., que não aparecem num simples cálculo de percentagens”.

Para realizar a quantificação dos registros de fala obtidos, antes é necessário codificar todo esse material. O pesquisador deve escolher um código para cada fator analisado, esses códigos irão representar os fatores que caracterizam cada dado. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 123), “esses códigos podem ser letras, números e outros símbolos de teclado”, com exceção de alguns símbolos que têm significado específico para o programa como, por exemplo, o abre-parênteses, que sinaliza o início de uma codificação, o espaço em branco, entre outros.

Partindo desse pressuposto, a chave de codificação elencada para proceder à quantificação dos dados está disposta no Apêndice 03.

Para conseguir extrair o *tu* ou *você* dos informantes durante as gravações em Amargosa, como já foi mencionado, recorreremos a três perguntas utilizadas no QMS do Projeto ALiB (adaptadas); a primeira, questionando ao informante como ele perguntaria a um amigo com uma mala na mão para onde esse amigo iria (a depender do informante, foi questionado primeiro, o que ele perguntaria, depois, como); a segunda pergunta faz referência a receitas que o indivíduo possa conhecer e queira compartilhar; e a terceira, sobre simpatias, para que o informante também ensine como fazer. Essas táticas foram muito bem aproveitadas, e os resultados foram satisfatórios, porque a maioria das pessoas entrevistadas respondeu aos questionamentos, exceto pela terceira pergunta (ninguém, dos 12 informantes acredita ou conhece alguma simpatia). A fim de apresentar os resultados obtidos a partir dessas perguntas, apresentamos a seguir alguns fragmentos com ocorrências dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na fala amargosense:

(45) **Inquiridora:** Quando você vê um amigo com uma mala e quer saber pra onde ele vai. Como é que você pergunta?

Informante: Quando eu vejo um amigo com uma mala e quero saber pra onde ele vai?

Inquiridora: Qual é a pergunta que você faz?

Informante: Pra onde *tu* vai? *Tu* vai pra onde?

(AMG/01/H/1/M)

(46) **Inquiridora:** Quando se vê um amigo com uma mala e quer perguntar pra onde ele vai, como é que é essa pergunta? Aqui em Amargosa.

Informante: *Tu* vai pra onde, criatura? (risos) É bem brabo assim. (risos) A gente tem esse sotaque brabo. “Tá indo pra onde?” É bem assim mermo.

(AMG/03/W/3/M)

(47) **Inquiridora:** Tem algum prato que você saiba fazer, que queira contribuir com a receita?

Informante: Eu sou bem danada na cozinha, viu?! Mas eu faço um bobó de frango, que onde vai, é sucesso. E é bem facinho de fazer, e o pessoal ama. Porque a gente tá acostumado a ver fazer o bobó de camarão, né?! E a gente troca o camarão pelo frango, e *tu* come de boa, achando que é camarão. Muito bom.

Inquiridora: Como é mais ou menos pra fazer?

Informante: É o mesmo procedimento [...] Depois *tu* cozinha separado o aipim. E bate esse aipim com o caldo que *tu* cozinhou o frango. Mistura ali e fica maravilhoso.

(AMG/03/W/3/M)

A inquiridora também, para demonstrar interesse na região e fazer com que, como sugere Tarallo (1997), a conversa fluísse de maneira mais descontraída possível, questionou também sobre quais lugares no município poderiam ser visitados por ela e como ela poderia chegar a eles, já que temos como hipótese, que ao indicar/instruir algo, o informante vá utilizar bastante o pronome de segunda pessoa do singular. Essa tática também foi bem sucedida; foi possível obter, inclusive, a maior parte dos dados através dessas narrativas. Como é possível notar em (48) e (49).

(48) **Inquiridora:** Esses são os programas que você faz pra se divertir. E pra mim, por exemplo? O que você acha que eu poderia fazer?

Informante: Aqui?

Inquiridora: Hãh.

Informante: Hum... Ir no parque, se *tu* gostar. (risos) Ir no barzinho, no beiju, como *tu* já conhece. No milk-shake. É o que tem. E se *tu* for católica, ir na igreja também, e tal.

(AMG/04/W/1/F)

(49) **Inquiridora:** E daqui pro Maracanã, eu faço o que? Eu não sei onde é.

(risos)

Informante: Maracanã... Maracanã *tu* pegar.. *tu* pegar um avião pra ir pro Rio.

(risos)

Inquiridora: *Tu* não falou Maracanã?

Informante: Maracanã é cá, um... um Largo que tem aqui em baixo. Perto do Bosque.

Inquiridora: E me ensine como é pra chegar lá.

Informante: Ah!!! Ensinar, né?! *Cê* sai daqui, vira a direita. Passa pela praça do Bosque... ô... do do da.. do Cristo. Vira a esquerda e segue direto. Lá em baixo tem o largo. Pronto! Ali é o Largo do Maracanã.

(AMG/11/H/4/M)

Em Salvador, o uso de *você* se mostrou categórico, e embora tenhamos encontrado alguns casos de *tu* em Amargosa, a maioria dos usos apontou para uma frequência muito maior de *você* que de *tu*, o que não era esperado, já que a hipótese inicial dessa pesquisa apontava para um grande uso de *tu* pelos falantes amargosenses. Isso aconteceu também com Nogueira (2013); na pesquisa da referida autora, os informantes do município de Feira de Santana utilizaram muito mais *você* que o previsto; o *tu* em maior número foi alcançado somente através das

gravações secretas, quando os informantes não sabiam que estavam sendo gravados. Esse resultado aponta para o fato de que há uma consciência linguística entre os falantes, mesmo do interior da Bahia, onde é sabido que o pronome *tu* é comum no vernáculo, em que um pronome acaba sendo mais valorizado que outro, e na fala monitorada (porque por mais descontraída que se torne a conversa, por existir um gravador entre informante e inquiridora, há sim monitoramento, mesmo que mínimo) uma das variantes acaba sendo preferida em lugar da outra.

Enquanto alguns informantes apontam a diferença linguística entre Salvador e Amargosa marcada, principalmente, pelo uso de *tu* no interior e *você* na capital, como em (50), outros falantes amargosenses julgam não existir essa variação linguística, sendo “tudo igual”, pelas palavras dos próprios indivíduos, como é notável em (51).

(50) **Inquiridora:** O que você acha na fala de Salvador e de Amargosa, que tem de diferente?

Informante: [...] mas, por exemplo, algumas coisas ... fala *tu* em Amargosa, é normal se *você* fala: *tu* vai pra onde? *Tu* quer o que? Em Salvador, o pessoal fala mais *você*. Mas eu acho que não seja uma diferença tão absurda assim. Porque tem o pessoal, tem gente de Salvador que fala *tu* também e fica por isso mesmo.

Inquiridora: E alguma coisa na sua fala mudou desde que você chegou aqui?

Informante: [...] Eu acho que não. Eu não falo “meu rei”, ainda. (risos) [...] Eu acho que... só isso... Pernambués [com o S chiado].

Inquiridora: Pernambués? O S?

Informante: [...] e às vezes eu falo puxando o S e foi depois que eu vim pra Salvador, mas não sei se tem a ver. Eu acho que puxa o S.

(AMG/01/H/1/M)

(51) **Inquiridora:** Aqui usa muito *tu*?

Informante: Não. Aqui o *tu* já passou. Antigamente nego usava [...] hoje ninguém usa mais *tu*. *Tu* ficou fora de moda. Hoje é *você* mesmo. [...] Hoje, é... não sei porque ele tá... por causa da mídia, pode ser.

(AMG/08/H/3/M)

O *você* é mais valorizado que o *tu*. Em algumas conversas, foi possível discutir acerca dessa questão, como é possível verificar em (52) e (53), principalmente no exemplo (53), onde o informante, no decorrer da gravação, chegou a afirmar que falar *você* é “mais bonito/mais certo” que falar *tu*. A partir desses fragmentos, nós podemos compreender melhor, também, acerca dos usos de *tu/você* quanto à formalidade e informalidade. É importante reforçar que estamos focando nos exemplos da variação *tu/você* em Amargosa, porque em Salvador não foram encontrados casos de *tu*.

(52) **Informante:** Tipo, interior fala muito *tu*. Isso eu não perdi. Eu falo até hoje *tu*. [...]

Inquiridora: E você fala *tu* com quem? Porque você falou *você* o tempo todo.

Informante: Foi?

Inquiridora: Foi.

(risos)

Informante: Eu acho, então, que eu falo menos *tu*, mas ainda falo. Depende da frase. A que eu acho que se encaixa melhor *tu*, eu falo *tu*. E a que eu acho que se encaixa melhor *você*... tipo: “*tu* vai pra onde?” Eu pergunto. Depende. Vai do momento. Às vezes sai o *tu*, às vezes sai o *você*. [...] Eu acho que quando é uma linguagem mais informal, eu acho que eu falo *tu*, eu acho que quando é mais formal, assim, como eu tô respondendo aqui, eu acho que eu falo mais *você*. Depende. É inconsciente [...]

Inquiridora: A questão de ser formal? Você acha que o *você* tem mais prestígio que o *tu*?

Informante: Acho.

Inquiridora: Por quê?

Informante: Eu acho que quando, tipo, no caso, tem mais prestígio aqui, né?! Depende do lugar. Lá o *tu* eu acho que é comum. Aqui por não ser tão comum, tem

menos prestígio. Entendeu? As pessoas estranham quando *você* fala *tu* . Por exemplo, fala " *tu* ", as pessoas falam "Ah! É do interior". Eu acho que é por causa desse distanciamento.

[...]

Inquiridora: Mas lá em Amargosa *você* já falava *você* , ou... ?

Informante: Também. Já. Lá eu falava mais *tu* , eu acho. Mas lá sempre teve o *você* também. [...]

Inquiridora: Tem a questão da intimidade também, que o pessoal fala, né?!

Informante: É, isso, tem.

Inquiridora: E como é que funciona?

Informante: Eu acho que quando *você* é mais íntimo, porque às vezes *você* soa como.. uma coisa assim, mais mesmo formal. E um *tu* eu acho que é mais íntimo também. E depende da situação.

(AMG/07/W/1/M)

(53) **Informante:** Aqui muita gente fala *tu* , se lá... lá eles fala *você* . Se a pessoa chegar aqui... lá.. e falar... falar *tu* , eles quer caçá gozação com a cara da pessoa. Rola muito isso lá.

[...]

Inquiridora: Rum.. *você* acha que é errado falar *tu* ?

Informante: É.

Inquiridora: Por que?

Informante: Sei lá.. é... aqui já é o costume... é o costume da cidade, das pessoas.

Inquiridora: E *você* acha que fala o que? *Tu* ou *você* ?

Informante: Eu? Eu falo mais *você* , mas quando eu tô com os amigos assim, quando eu tô falando assim, que é um assunto meio bobo assim, eu falo *tu* também.

Mas eu uso mais *você*. [...] quando a pessoa tá conhecendo uma menina só fala *você*. Pelo Facebook, WhatsApp. Muitas pessoas assim fala comigo *tu*, mas eu mesmo só falo *você*.

(AMG/09/H/1/F)

A informante do inquérito 07 (com fragmento de fala exemplificado em (52)) está morando em Salvador há aproximadamente cinco anos, fazendo cursinho pré-vestibular, e já tinha contato anterior com a inquiridora. É interessante o depoimento dela acerca da variação *tu/você*, inclusive, porque um dia antes da gravação do inquérito, ao ser convidada, via WhatsApp, para participar da pesquisa, a mesma enviou um áudio utilizando *tu*, mas durante a gravação, que ela julgava ser algo mais formal, usou em momento nenhum *tu*, mas sim o *você* categórico. O conteúdo supramencionado (autorizado para ser divulgado) pode ser conferido em (54).

(54) Oi, L. Claro que pode. *Tu* quer gravação, gravação voz? Tipo, *tu* me entrevistando? Ou como é? Posso sim, viu?!

(Informante Mulher, Escolaridade Média, Faixa Etária I)

Já com o informante do Inquérito 01, temos um exemplo de variável muito estudada em pesquisas sobre variação pronominal/de tratamento, que é o fator Intimidade. Tal falante utilizou durante toda a pesquisa o pronome *você*, mas ao ser questionado como se portaria frente a um amigo (com maior grau de intimidade que a inquiridora em relação a ele), o mesmo utilizou o *tu*, como foi observado em (45). Ele também utilizou *tu* ao referir à sua irmã. Conseguimos uma gravação extra, realizada sem que o informante soubesse que estava sendo gravado (mas com devida autorização para divulgação, posteriormente) de uma conversa entre ele e a irmã. Quando se refere a alguém Genérico, o informante do Inquérito 01 utiliza *você*, mas ao se referir especificamente à sua irmã, ele utiliza o *tu*, como podemos conferir em (55). É interessante, que ela se comporta linguisticamente da mesma forma. A identificação por “L.” representa a Mulher, de Escolaridade Média e Faixa Etária I (a irmã); “S.” representa o Homem, Escolaridade Média, Faixa Etária I (informante do Inquérito 01 dessa pesquisa)

(55) L.: *Tu* achou o que da redação [do ENEM]?

S.: O tema?

L.: Rum. Melhor que o outro, né?!

S.: Melhor do que o primeiro. Porque o religioso é um negócio meio assim...

L.: Meio assim como?

S.: Meio assim... *você às vezes... você fala de uma... você fala, tipo assim, de situação. Se você falar... cair pro lado de de... você sempre vai tender a falar de alguma coisa, de alguma religião específica, entendeu?! [...] aí você sempre vai tender a falar... mesmo que você não cite. Mas você vai sempre tender a falar dos preconceitos que tem como isso, entendeu?! E... com raça é raça, entendeu?*

L.: Mas também, por outro lado, se *você for negro e tiver escrevendo a redação, você vai...*

S.: Não! Mas se *você for negra...*

[...]

L.: Eu não sei, eu tô com medo.

S.: Medo de quê, fia? *Tu já tá passada, já...*

L.: Mas eu queria tirar uma nota boa.

S.: Queeee m**** nenhuma, rapaz! Porcaria nenhuma...

(risos)

L.: *Tu tem aula que dia? De tarde.*

S.: Tá tirando foto minha, é, ninha?

L.: Não. Por quê?

S.: Eu tô vendo *tu me gravando.*

(risos)

(Gravação Extra, Conversa estilo D2, Homem e Mulher da Faixa Etária I, Escolaridade Média, de Amargosa)

Aconteceu, durante a gravação do Inquérito 10, algo também interessante. O senhor, de Faixa Etária 03, Escolaridade Fundamental, utiliza *você* durante toda a conversa, que foi gravada no pátio da escola onde ele estuda, mas quando um colega de classe aparece para cumprimentá-lo, ele usa *tu*, como é possível conferir em (56), e somente nesse momento, depois volta a usar *você* até o final da conversa.

(56) *Tu* falou com ela ali? [...] Ein, V.?! Por que não levou *tu* pra fazer entrevista também? [...] Pra *tu* fazer entrevista.

(AMG/10/H/3/F)

Portanto, foi possível compreender e confirmar a hipótese levantada em pesquisas anteriores a essa, que o fator Intimidade é um forte condicionante na escolha do tratamento pronominal do português popular falado na Bahia. Não consideramos essa variável por não termos condições, em uma pesquisa de Mestrado (realizada em dois anos), de gravar inquéritos que nos proporcionassem embasamento para esse tipo de estudo, mas é uma opção para trabalhos futuros, que promete render bastante discussão. É em contextos de maior intimidade e informalidade onde *tu* se mostra mais facilmente, e como o método de gravação sociolinguístico ainda se mostra, para a maioria dos informantes, como um contexto formal, *você* teve muito mais ocorrências que o esperado inicialmente nessa pesquisa.

Tendo em vista as discussões levantadas até aqui, vamos, no próximo capítulo, analisar os resultados obtidos a partir da quantificação dos dados levantados, realizada através do pacote de programas GoldVarb.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentadas as análises dos resultados obtidos através da quantificação dos dados levantados da variável dependente *pronome de tratamento de segunda pessoa do singular*, cujas variantes são a forma pronominal *tu* e a forma pronominal *você*, conforme exemplificação a seguir:

(57) “Você vai ser cabo de turma, coisa e tal”. (PEPP/37/H/3/F)

(58) Lá não. *Tu* para e fica no meio da rua. (AMG/03/W/3/M)

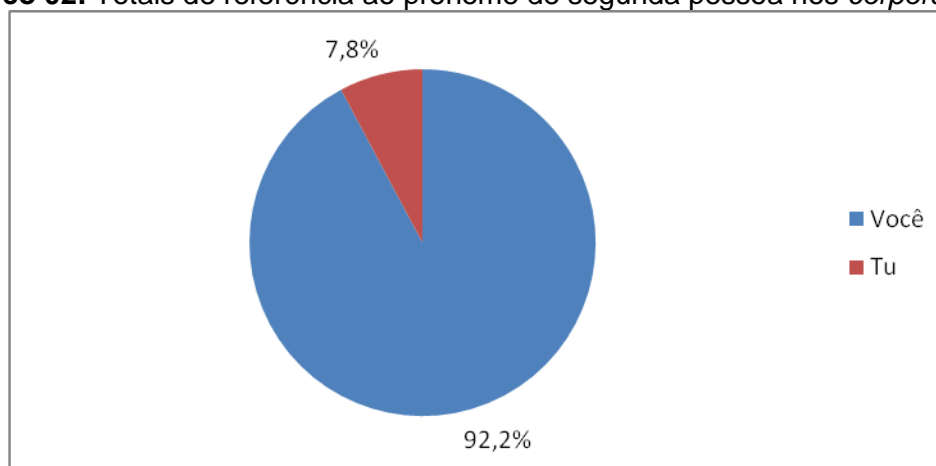
Tais resultados foram alcançados a partir da quantificação realizada por meio do pacote de programas GoldVarb.

Tabela 07: Totais de referência à segunda pessoa nos *corpora* investigados

VOCÊ	TU	TOTAL
651/706 = 92,2%	55/706 = 7,8%	706 = 100%

Conforme é possível notar na Tabela 07, o total de referência ao pronome *você* nos *corpora* investigados foi de 651 ocorrências em um total de 706, correspondendo a 92,2% dos dados, sendo que *tu* apareceu 7,8% na fala dos informantes de Salvador e Amargosa, com um total de 55 ocorrências.

Se torna fácil e mais explícito observar através do Gráfico 02, que a presença de *você* na fala popular baiana se mostra muito mais frequente que o *tu*.

Gráfico 02: Totais de referência ao pronome de segunda pessoa nos *corpora* analisados

Essa predominância pode ser justificada pelo fato de que em Salvador, *você* se mostrou categórico nos inquéritos analisados, e, em Amargosa, o método de entrevista sociolinguística pode ter inibido os informantes, configurando uma situação não íntima (por mais descontraída que estivesse a conversa), já que tínhamos a presença de um gravador visível entre inquiridora e informante.

É importante ressaltar, porém, que embora os soteropolitanos tenham apresentado 100% de *você* nessa pesquisa, foi identificada a presença de *tu* em 01 inquérito do total de 16, transcritos no livro *Um estudo da fala popular de Salvador – PEPP*, de Lopes, Souza e Souza (2009). Tal inquérito não foi incluído nesse estudo, pois trata-se de um informante da Faixa Etária II (que foi descartada desse *corpus*). Podemos conferir esses dados nos exemplos a seguir. Esse informante é Homem, da Faixa Etária II, com Escolaridade Fundamental:

(59) Não. Já tenho a minha agora, já é maior, é a que vem assim Senhor, essa é a tua palavra, fui andando, mas na ida Deus providenciou o carro para mim, cheguei em casa tão alegre, feliz e disse assim: Senhor, aqui está a tua palavra eu não sei ler, aí o senhor falou comigo assim: “Abra, porque *tu* vai ler antes do momento”, e quando eu abri a palavra de Deus eu não sabia ler, no momento que eu peguei a palavra que eu abri, Deus ele falava comigo, [...] (PEPP/40/H/2/F)

(60) Oh Deus, mostrando que só *tu* és o Senhor que só o Senhor, ó Deus, pode solucionar ao Senhor todos os problemas, Deus *tu* disseste na tua palavra que

bendita é a nação cujo o Deus é o Senhor, Deus todas essa bênçãos, senhor, nós te pedimos e te agradecemos, desde agora e para todo sempre no nome de Jesus Amém. Que Deus os abençoe. (PEPP/40/H/2/F)

É importante trazer essa informação, pois esse informante foi o único a utilizar *tu* no *corpus* disponível no PEPP. Ele demonstrou ser uma pessoa muito religiosa, o que é mais um ponto interessante, pois podemos ter aqui a forte marca da escrita na oralidade; pois se sabe que a Bíblia é redigida de maneira altamente formal. Essas palavras canônicas são disseminadas nos cultos (comumente das igrejas evangélicas) e reproduzidas por grande quantidade de fieis. Outro ponto notável, na fala desse informante, é a concordância do pronome com a forma canônica de segunda pessoa (*tu vais*, por exemplo), além de usos como *vosso*, *teu*, etc, não encontrada nos demais inquéritos avaliados.

3.1 IDENTIFICAÇÃO DE NOCAUTES

Após essa breve explanação acerca dos resultados totais obtidos, vamos nos centrar nas especificações dos resultados alcançados quanto às variáveis internas e externas elencadas. No decorrer do processo de quantificação dos dados levantados nessa pesquisa, o programa GoldVarb apontou três *Nocautes*, que de acordo com Guy e Zilles (2007),

na terminologia de análise do Varbrul, é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente.

[...] Esses casos são chamados de nocautes porque, em tal contexto, o valor desse fator se sobrepõe ao efeito de qualquer outro contexto presente; quaisquer que sejam os outros fatores presentes, o resultado vai ser sempre 0% ou 100% de aplicações do processo indicado pelo nocaut. (GUY e ZILLES, 2007, p. 158)

Essas três variantes foram: na variável independente interna *Tipo de Enunciado*, as variantes *Ordem* e *Afirmção*, com 100% de dados de *você*, ambas; e a variante *Salvador*, pertencente à variável *Localidade*, com também 100% de escolha de *você*, como já foi exposto.

[...] qualquer nocaute nos dados tem que ser excluído dos cálculos de pesos relativos. Ademais, o valor do peso de um nocaute não precisa ser calculado: se a percentagem de aplicações em tal contexto é 0%, o peso deste fator é 0, e se a percentagem é 100%, o peso é 1, e nada mais importa, a não ser o efeito do fator em questão. (GUY e ZILLES, 2007, p. 158)

Portanto, as três variantes apontadas como *Nocaute* pelo GoldVarb foram excluídas, para que fosse possível chegar aos pesos relativos dos dados. Como a variável *Localidade* era composta por duas variantes e o sistema do pacote de programas não permite uma variável composta por apenas uma variante (o que é evidente, já que, dessa maneira, não seria indicada variação), foi necessária a exclusão da variante *Amargosa* também.

Embora o programa GoldVarb tenha descartado a variável *Localidade*, é importante apresentar os dados obtidos nas diferentes localidades, tendo em vista que esse é o objetivo inicial dessa pesquisa. Na Tabela 08, é possível conferir as porcentagens de *tu* e *você* em Salvador e Amargosa, explicitando a totalidade de *você* na capital baiana. No município do interior baiano, é notável que *você* é também predominante (apontando 82,4% dos usos), enquanto *tu* está presente em 17,6% dos dados do português popular amargosense.

Tabela 08: A variação *tu/você* quanto a Localidade, na Bahia

	SALVADOR	AMARGOSA
VOCÊ	100%	82,4%
TU	0%	17,6%

Esse resultado confirma a nossa hipótese inicial de que *tu* está presente na fala popular amargosense, mas é menos frequente entre as escolhas dos soteropolitanos (nessa pesquisa, apresentando *você* categórico).

3.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS SELECIONADAS PELO GOLDVARB

Após a exclusão dos *Nocautes* e realizada uma nova rodada de quantificação para identificar os pesos relativos dos dados, o pacote de programas GoldVarb selecionou a “melhor rodada” com variáveis consideradas mais relevantes para essa pesquisa; três variáveis linguísticas e duas variáveis sociais (ou extralinguísticas). Foram essas: *Tipo de Frase*, *Tipo de Discurso*, *Tipo de Referência*, *Faixa Etária* e *Escolaridade*. Por conseguinte, iremos apresentar, a seguir, as análises pautadas nesses grupos selecionados.

3.2.1 Tipo de Frase

Foi possível inferir que o tipo de frase declarativa condiciona o uso de *você* na fala de indivíduos soteropolitanos e amargosenses, como é possível conferir na Tabela 09.

Tabela 09: *Você* quanto ao Tipo da Frase na fala popular baiana

FRASE	PESO RELATIVO
Declarativa	.53
Não Declarativa	.33

Você apresenta peso relativo .53 quando presente em uma frase que declara algo, como no exemplo (61) abaixo:

(61) Porque se *você* botar no beiju, vai ficar muito salgado. (AMG/06/W/4/M)

Em contrapartida, em frases não declarativas; por exemplo, em questionamentos, como em (62) e (63), *você* apresenta peso relativo .33, o que nos leva a pensar que *tu* é mais frequente em frases não declarativas.

(62) *Você* acredita que até hoje eu não sei o que era? (PEPP/17/W/3/M)

(63) E aí, Mateus, *tu* tá precisando de ajuda? (AMG/09/H/1/F)

Portanto, os resultados alcançados relativos à variável *Tipo de Frase* confirmam a hipótese levantada inicialmente, de que as frases não declarativas podem influenciar a escolha pelo uso do pronome *tu*, enquanto as frases declarativas condicionam a escolha pelo pronome *você*.

3.2.2 Tipo de Discurso

Quanto ao Tipo de Discurso, podemos observar que quando relatando a fala de outra pessoa (como exemplificado em (64)), os falantes baianos tendem a usar mais *você*. A variante *relato de outrem*, portanto, condiciona mais fortemente o uso de *você*, em detrimento de *tu*, com peso relativo .72

(64) Antigamente era: “Ah! *você* não vai sair pra brincar com seus amigos.”
(AMG/07/W/1/M)

Entretanto, levando em consideração a premissa de que sendo igual ou superior ao peso relativo .50, um dado pode ser considerado condicionante de um fenômeno, temos, como é notável na Tabela 10, a variante *relato próprio* como também, influenciadora na escolha por *você* na fala popular baiana.

Tabela 10: *Você* quanto ao Tipo de Discurso na fala popular baiana

DISCURSO	PESO RELATIVO
Atual	.41
Relato de Outrem	.72
Relato Próprio	.65

Com peso relativo .65, *você* se mostrou muito presente também, em situações em que os informantes relatam a sua própria fala em alguma situação específica, como no trecho ilustrado em (65).

(65) [...] aí eu disse: “oh, S., não vá mais com ninguém, mesmo a pessoa atravessando *você*, *você* não vá, porque o carro mata, e *você* não vai ver mais mamãe. Já disse a *você*”.

Surpreendentemente (tendo em vista que a maior parte dos dados estão apresentados como *discurso atual*), o tipo de discurso atual (ou direto), desfavorece a escolha por *você*, com peso relativo .41.

A princípio, levantamos a hipótese de que ao relatar a própria fala, o informante optaria pelo *tu*, ao passo que ao relatar a fala de outra pessoa, o falante escolheria o pronome *você*. Embora a hipótese inicial acerca da variável *relato próprio* não tenha sido confirmada, foi comprovada a ideia de que *você* está muito marcado nos registros caracterizados pela variante *relato de outrem*.

3.2.3 Tipo de Referência

A variável *Tipo de Referência* foi também selecionada pelo programa GoldVarb como relevante na análise da variação *tu/você* nas duas cidades baianas: Salvador e Amargosa.

Tabela 11: *Você* quanto ao Tipo de Referência na fala popular baiana

REFERÊNCIA	PESO RELATIVO
Genérica	.71
Específica	.35

Quando o falante faz referência genérica à outra pessoa, como é exemplificado em (66), o pronome *você* é condicionado.

(66) [...] em vez de você ter que pagar uma casa de aluguel, cada um foi construindo sua casinha lá, né?! (PEPP/34/H/4/F)

Você apresenta peso relativo .71 quando referenciado genericamente, enquanto, quando em referências específicas, aponta peso relativo .35. Isso nos induz a pensar que em situações mais específicas, o *tu* se mostra mais frequente, como em (67).

(67) *Tu* é baiana mermo? (AMG/08/H/3/M)

A partir da ideia de que o informante referenciará especificamente alguém com quem tem maior proximidade (inclusive, considerando as perguntas da inquiridora, como: “de que maneira você perguntaria para um amigo para onde ele vai com a mala?” De certo modo, induzindo o falante a referenciar alguém íntimo), podemos fortalecer a hipótese de que em situações mais íntimas, em diálogos com pessoas mais próximas, os informantes tendem a utilizar mais o pronome *tu*, que *você*. Portanto, a hipótese primária, de que *você* estaria mais marcado pelas referências genéricas e *tu* seria mais utilizado em situações mais específicas, foi confirmada.

3.2.4 Faixa Etária

O programa GoldVarb selecionou duas variáveis sociais como mais relevantes para o condicionamento das variantes analisadas, e a variável *Faixa Etária* foi uma delas.

Tabela 12: *Você quanto à variável Faixa Etária na fala popular baiana*

FAIXA ETÁRIA	PESO RELATIVO
I	.27
III	.53
IV	.75

Na Tabela 12 podemos perceber que a Faixa Etária IV condiciona fortemente a escolha pelo pronome *você*, com peso relativo .75, o que nos leva a acreditar que *você* é mais conservador, pelo fato de ser mais utilizado por pessoas mais velhas. Essa hipótese é confirmada quando comparamos com o peso relativo resultante da Faixa Etária I: .27. A partir desse resultado, podemos compreender que *tu* é mais utilizado na fala jovem que *você*, o que pode apontar para a ideia de que *tu* é o pronome mais inovador. Esse resultado foi encontrado também no trabalho de Nogueira (2013), onde a autora apresentou que os informantes mais jovens da cidade baiana de Feira de Santana utilizam mais a forma pronominal *tu*, enquanto os falantes mais velhos fazem uso de *você*. Na região Sul do Brasil, entretanto, as escolhas funcionam inversamente, como podemos conferir em trabalhos como o das autoras Franceschini e Loregian-Penkal (2015), onde os informantes mais jovens fazem uso muito maior do pronome *você*, ao passo que as pessoas mais velhas utilizam com maior frequência, o pronome *tu*.

A Faixa Etária III também apresenta um peso relativo considerável para condicionar o uso de *você*, com peso relativo .53, embora não seja tão marcante quanto a Faixa Etária IV.

Visto isso, é possível comprovar que, a julgar pelos pesos relativos encontrados, gradativamente, considerando a variável *Faixa Etária*, a variação *tu/você* em Amargosa está configurada em uma variação em mudança, levando em consideração que a diferença do peso relativo entre as três faixas etárias se distancia gradativamente. *Você* diminui a sua frequência ao passo que a faixa etária do informante vai também diminuindo: na quarta e última faixa etária temos peso relativo .75, na terceira faixa etária, essa, intermediária, temos peso relativo .53, e, por fim, na faixa etária mais jovem (a primeira), temos peso relativo .27. Portanto, considerando a grande diferença entre as faixas etárias I e IV, é possível afirmar que há uma tendência de mudança em Amargosa.

3.2.5 Escolaridade

Outro fator social selecionado como relevante pelo programa GoldVarb foi a variável Escolaridade. Essa seleção é interessante, pois há um estigma social

quanto ao uso amplo de *tu*, e acredita-se que quanto mais escolarizado for o informante, mais monitorada será a sua fala, buscando não usar as formas linguísticas estigmatizadas.

Tabela 13: Você quanto à variável Escolaridade na fala popular baiana

ESCOLARIDADE	PESO RELATIVO
Ensino Médio	.56
Ensino Fundamental	.38

Os resultados da variação *tu/você* quanto ao nível de escolaridade dos falantes baianos confirmam a hipótese anterior: os informantes com escolaridade média tendem a utilizar muito mais *você* que *tu*, apresentando peso relativo .56. Em contrapartida, *você* é muito pouco utilizado por informantes com escolaridade fundamental, apontando peso relativo .38, dado que nos indica que *tu* é mais frequente na fala de indivíduos menos escolarizados.

3.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS NÃO SELECIONADAS PELO GOLDVARB

Embora o programa GoldVarb não tenha selecionado as demais variáveis como relevantes no processo de variação entre os pronomes *tu* e *você*, é importante apresentá-las, para que seja possível compreender o motivo pelo qual essas foram descartadas pelo programa. Foram três variáveis linguísticas e duas variáveis sociais (ou extralinguísticas) não selecionadas; a saber: *Tempo Verbal*, *Sexo*, *Tipo de Enunciado*, *Função Sintática*, além da *Localidade*, variável que foi analisada nesse capítulo a partir da Tabela 08.

Os resultados desses fatores serão apresentados em porcentagens, com as suas devidas análises.

3.3.1 Tempo Verbal

A variável *Tempo Verbal* não apresentou grande variação entre suas variantes: *passado* (exemplificada em (67)) e *não passado* (ilustrada em (68)).

(67) Carta, *você* mandava carta. (AMG/08/H/3/M)

(68) Qualquer coisa, *tu* me chama. (AMG/04/W/1/F)

Tabela 14: A variação *tu/você* quanto ao Tempo Verbal na fala popular baiana

TEMPO VERBAL	VOCÊ	TU
Não Passado	92,7%	7,3%
Passado	88,8%	11,2%

Embora demonstre uma pequena diferença, em porcentagens, entre os usos de *você/tu* no passado ou não passado (futuro ou presente), é possível notar que quando no passado, o *tu* aparece com maior frequência (11,2%) do que no futuro ou presente (7,3%), como é notável na Tabela 14. *Você* é muito mais presente na fala popular das cidades baianas Amargosa e Salvador quando considerada a variante *não passado*, com um total de 92,7% dos usos.

Portanto, a nossa hipótese levantada inicialmente, de que o fator [- passado] influenciaria a escolha pelo pronome *você* foi confirmada.

3.3.2 Sexo

É de grande importância, para os estudos sociolinguísticos, analisar a variável *Sexo*; pois, assim como a variável *Faixa Etária*, essa pode apontar uma variação em curso, ao passo que as mulheres tendem a manter as variantes mais conservadoras (e os idosos compartilham da mesma atitude), assim como os homens têm uma tendência a utilizar formas menos conservadoras/mais inovadoras (como os mais jovens), de acordo com o que afirmam Chambers e Trudgill (1994): “Otra

característica social en la que se relacionan las diferencias lingüísticas muy claramente es el sexo del hablante”⁵.

Tabela 15: A variação *tu/você* quanto ao Sexo do indivíduo na fala popular baiana

SEXO	VOCÊ	TU
Homem	93,6%	6,4%
Mulher	90,7%	9,3%

Nas cidades baianas analisadas, os falantes homens e mulheres não diferem de maneira significativa quanto ao uso de *tu* ou *você*, por esse motivo, o programa GoldVarb descartou tal variável nessa pesquisa. Porém, é possível notar, através da Tabela 15, que os homens utilizam mais o pronome *você* (93,6% dos dados) que as mulheres (90,7% dos dados), fato que vai contra a hipótese inicial de que as mulheres manteriam a forma mais prestigiada (*você*). Na região Sul do Brasil, as mulheres também utilizam mais o *tu*, que o pronome *você*, mas nessa região há a diferença de que esse pronome é a forma vista como de conservadora e não *você*, como foi possível conferir no trabalho de Franceschini (2011). De acordo com Labov (2006), “la diferenciación de los sexos parece ser resultado de factores sociales omniprésentes que se alteran más lentamente que otras relaciones sociales”⁶, portanto, seria necessário observar esse fator de maneira gradual, no decorrer de anos (ou correlacionando-o com o fator *Faixa Etária*, por exemplo) para investigar melhor o processo de variação.

5 Outra característica social em que as diferenças lingüísticas se relacionam muito claramente é o sexo do falante. (Tradução nossa)

6 A diferenciação dos sexos parece ser resultado de fatores sociais difusos que se alteram mais lentamente do que outras relações sociais. (Tradução nossa)

3.3.3 Tipo de Enunciado

A variável *Tipo de Enunciado* foi uma das variáveis a serem descartadas no processo de seleção dos melhores fatores do programa GoldVarb; além disso, na primeira rodada, foram apontados *Nocautes* em duas variantes que compunham esse grupo. Foram elas: *Ordem* e *Afirmação*. Tais variantes foram excluídas da quantificação, pois apresentaram 100% de frequência do pronome *você*, não apontando, portanto, variação.

Tabela 16: A variação *tu/você* quanto ao Tipo de Enunciado na fala popular baiana

TIPO DE ENUNCIADO	VOCÊ	TU
Narração	92,9%	7,1%
Advertência	93,6%	6,4%
Questionamento	81,2%	18,8%
Declaração	93,9%	6,1%

A diferença, representada em porcentagem, dos usos de *tu* e *você* em Salvador e Amargosa, é mínima, por esse motivo, o tipo de enunciado não foi considerado relevante na pesquisa. Mas, em contrapartida, através da Tabela 16, é possível inferir que, quando o enunciado se configura em questionamento, o pronome *tu* é muito mais utilizado que nas demais situações (narração, com 7,1%; advertência, com 6,4% ou declaração, com 6,1%), apresentando uma frequência de 18,8% dos casos.

Quanto a essa variável, todas as nossas hipóteses apresentadas anteriormente foram refutadas. Inicialmente, acreditávamos que as variantes *Ordem* e *Advertência* poderiam influenciar os informantes pela escolha do *tu*, da mesma maneira que a variante *Declaração*, *Narração* e *Afirmação* seriam capazes de colaborar para a escolha de *você*. Entretanto, *tu* se mostrou mais constante quando em enunciados que configuram questionamento; e embora *você* tenha uma maior porcentagem de dados quando em enunciados que configuram declaração, não podemos afirmar que esse seja condicionado por qualquer das variantes que

compõem a variável *Tipo de Enunciado*, já que a diferença de frequência dos pronomes presentes entre elas é muito pequena.

3.3.4 Função Sintática

A função sintática dos pronomes *tu* ou *você* não demonstrou ser relevante para a escolha de um pronome ou outro.

Tabela 17: A variação *tu/você* quanto à Função Sintática na fala popular baiana

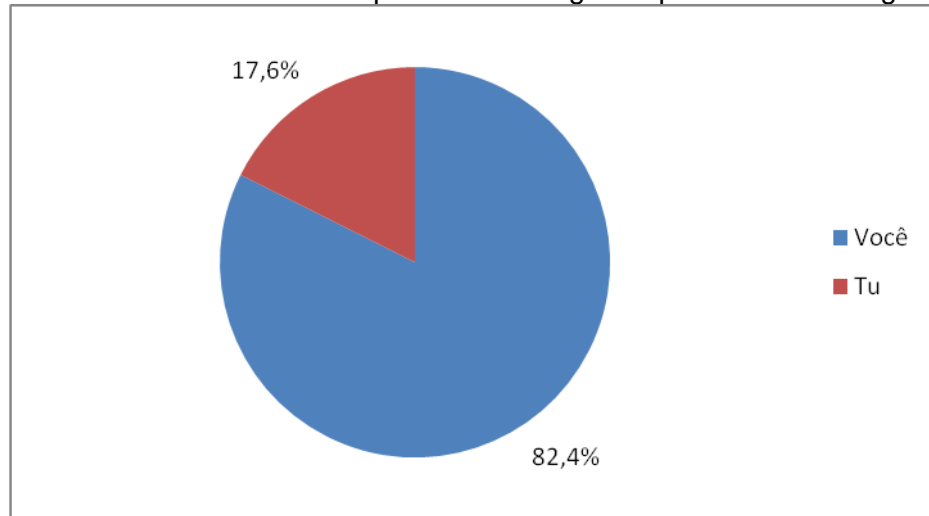
FUNÇÃO SINTÁTICA	VOCÊ	TU
Sujeito	92%	8%
Não Sujeito	94,6%	5,4%

Através da Tabela 17, é possível notar que embora *você* esteja mais presente na fala popular baiana quando caracterizado por não sujeito, com 94,6% dos dados, e *tu* seja mais frequente quando utilizado como sujeito (apresentando 8% dos dados), esse fator se mostra irrelevante, pelo mínimo diferencial em relação à variante oposta.

Supomos, a princípio, seguindo a lógica adotada na pesquisa de Mota (2008), que *você* seria condicionado pelo fator [+ sujeito], ao passo que a escolha por *tu* seria influenciada pelo fator [- sujeito]. Tal hipótese, como foi possível notar, não se concretizou.

3.4 A VARIAÇÃO ENTRE OS PRONOMES *TU* E *VOCÊ* EM AMARGOSA

Visto que o município de Salvador, capital baiana, não revelou variação entre os pronomes *tu* e *você*, julgou-se interessante a explanação acerca dessa variação no município interiorano da Bahia, Amargosa, onde as variantes *você* e *tu* demonstraram coexistir.

Gráfico 03: Totais de referência ao pronome de segunda pessoa em Amargosa

O pronome *tu* apareceu em uma quantidade menor na quantificação total quanto à fala popular dos informantes soteropolitanos e amargosenses, como foi visualizado na Tabela 08 e Gráfico 03, onde tal fator aparece em 7,8% dos dados, enquanto *você* revelou-se em 92,2% dos casos. Porém, quando quantificados exclusivamente em Amargosa, os resultados apontam para um aumento da porcentagem quanto aos usos de *tu*. Como é notório no Gráfico 03, os falantes amargosenses utilizam tal pronome em 17,6% dos dados, enquanto *você* aparece em 82,4% desses.

Nessa seção, iremos analisar a variação *tu/você* quanto a todas as variáveis linguísticas e sociais (ou extralinguísticas) elencadas inicialmente nessa pesquisa (*função sintática, tempo verbal, tipo de frase, tipo de discurso, tipo de referência, tipo de enunciado, sexo, faixa etária e escolaridade*), através de resultados apresentados em percentuais.

3.4.1 Função Sintática

Tabela 18: A variação *tu/você* quanto à Função Sintática na fala popular de Amargosa

FUNÇÃO SINTÁTICA	VOCÊ	TU
Sujeito	82,6%	17,4%
Não Sujeito	78,6%	21,4%

A função sintática do pronome não parece ter forte influência na escolha dos informantes, visto que a porcentagens resultantes da quantificação dos dados são bastante próximas. *Você* tende a ser utilizado quando o está em posição de sujeito na frase, totalizando 82,6% dos dados, conforme está exemplificado na Tabela 18; enquanto *tu* demonstra ser mais empregado quando está em posição de não sujeito, mostrando-se em 21,4% das ocorrências. Em Feira de Santana (município baiano), como foi exposto na pesquisa de Nogueira (2013), o pronome *tu* também revela-se constante quando em posição de não sujeito no sintagma, os resultados da autora indicaram uma frequência de 29% dessa forma pronominal em tal posição sintagmática.

3.4.2 Tempo Verbal

A variável *Tempo Verbal* demonstrou relevância na variação entre *tu* e *você* em Amargosa. De acordo com o que pode ser conferido na Tabela 19, quando em condição de não passado (futuro ou presente), o pronome *você* expõe 84,5% de ocorrências, contrapondo a 15,5% de dados de *tu*, o que indica que os falantes amargosenses tendem a utilizar muito mais *você* quando estão se referindo a um tempo presente ou futuro (correspondente à variante *não passado*, como em (69) e (70)), do que em situações relatadas em tempo pretérito (como exposto em (71)).

(69) Lá em Amargosa é pequeno, *você* sabe andar. (AMG/07/W/1/M)

(70) Agora, *você* só vira ele no dia seguinte. (AMG/05/W/4/F)

(71) Ah! *Tu* tinha que vim de... de trem. (AMG/11/H/4/M)

Tabela 19: A variação *tu/você* quanto ao Tempo Verbal na fala popular de Amargosa

VERBO	VOCÊ	TU
Não Passado	84,5%	15,5%
Passado	54,5%	45,5%

O pronome *tu* é muito mais frequente em relatos de situações pretéritas, do que em situações e/ou relatos atuais ou futuras. *Tu* apresenta 45,5% dos dados no passado, ao lado de *você*, que aponta 54,5% das ocorrências no mesmo tempo verbal.

3.4.3 Tipo de Frase

Tabela 20: A variação *tu/você* quanto ao Tipo de Frase na fala popular de Amargosa

FRASE	VOCÊ	TU
Declarativa	85,6%	14,4%
Não Declarativa	55,9%	44,1%

Quanto ao tipo de frase na fala popular amargosense, as frases que declaram algo, como exemplificado em (72), parecem condicionar o uso do pronome *você*. Como é possível conferir na Tabela 20, *você* está presente em 85,6% das ocorrências em frases declarativas, com 55,9% de dados em frases não declarativas, como a ilustração exposta em (73).

(72) Tudo de *você* é Carol! Tudo é Carol. (AMG/08/H/3/M)

(73) “*Você* tava vendo que eu estava conversando?” (AMG/12/W/3/F)

O uso de *tu* parece ser influenciado quando realizado em frases não declarativas, apontando 44,1% dos casos; esse resultado pode ser conferido através da exemplificação em (74). Ao contrário, quando em frases declarativas, como em (75), *tu* aparece com uma frequência muito menor: tal pronome está presente em 14,4% dos dados, apenas.

(74) *Tu* já veio pro São João daqui? (AMG/04/W/1/F)

(75) *Tu* chega no mercado, triplica os preços. (AMG/03/W/3/M)

Talvez esses dados de *tu* estejam em maior quantidade nas frases não declarativas, em razão das respostas relacionadas ao questionamento da inquiridora, quando essa utilizou a pergunta do questionário morfossintático do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: “Quando se vê um amigo com uma mala na mão, como você pergunta para onde ele está indo?” ou “o que você perguntaria a ele?”. Tendo em vista que alguns informantes responderam à pergunta utilizando o pronome *tu*, por se tratar de uma referência a alguém mais íntimo, supomos que essa questão pode ter influenciado esse resultado exposto.

3.4.4 Tipo de Discurso

A variável *Tipo de Discurso* apresentou um resultado muito interessante nessa pesquisa, quando realizada a quantificação com os dados obtidos através dos registros de fala dos informantes do município de Amargosa, separadamente: o pronome *você* obteve maior porcentagem em relação a todos os demais fatores, exceto na quantificação da variante *relato próprio*, quando o pronome *tu* apareceu com índice muito maior, como é notável na Tabela 21.

Tabela 21: A variação *tu/você* quanto ao Tipo de Discurso na fala popular de Amargosa

DISCURSO	VOCÊ	TU
Atual	84,7%	15,3%
Relato Próprio	37,5%	62,5%
Relato de Outrem	72,4%	27,6%

Em discursos atuais ou em registros de relatos de outrem, *você* aparece em maior frequência, contabilizando 84,7% das ocorrências em registros de discurso atual (como exemplificado em (76)), e 72,4% de ocorrências quando relatados discursos de outra pessoa, como ilustrado no exemplo (77).

(76) Mesmo que *você* se perca, *você* pergunta a alguém. (AMG/01/H/1/M)

(77) Hoje, quando eu fui pra Minas, todo mundo disse: *você* é baiano! (AMG/08/H/3/M)

Por outro lado, quando o discurso do informante amargosense transmite um registro de relato próprio (como é demonstrado em (78)), o pronome *tu* apresenta-se com uma frequência de 62,5% dos dados; muito maior que a presença de *você* nesse mesmo contexto. *Você* obteve 37,5% de frequência em relatos próprios.

(78) Tipo: *tu* vai pra onde? Eu pergunto. (AMG/07/W/1/M)

Essa grande porcentagem em dados de *tu* em relatos próprios pode ter sido consequência, assim como aconteceu com a variável *Tipo de Frase* das respostas dos informantes ao questionamento realizado, a saber: “Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?”. Ao se referirem a pessoas mais íntimas, como um amigo, por exemplo, os informantes tenderam a utilizar o pronome *tu*.

Houve duas situações interessantes no decorrer das gravações, quando o Informante 01, depois de a inquiridora já ter desligado o gravador, falar sobre a possibilidade de a sua irmã ingressar em uma Universidade pública, informando que

ela não saberia andar sozinha em Salvador. Nessa situação ele disse: “Aí eu falo pra ela: ‘não, mas *tu* não vai [ao *campus* do São Lázaro sozinha]””. Em outra entrevista, com uma senhora da faixa etária IV, Informante 05, também após termos concluído a gravação do inquérito, essa se referiu ao seu esposo através do pronome *tu* ao reclamar que quando ela queria assistir um programa na televisão, ele ligava o rádio de pilha: “Eu falo pra ele: ‘e *tu* desliga essa coisa!””. O interessante é que essas pessoas utilizaram no decorrer de toda a entrevista, o pronome *você* (a não ser o Informante 01 ao referir-se a um amigo, respondendo ao questionamento do QMS do Projeto ALiB e ao falar sobre a diferença que ele observou entre a fala de soteropolitanos e amargosenses) e optaram pelo *tu* pontualmente em situações a que estavam se referindo a pessoas mais próximas/íntimas, relatando um registro da própria fala. Portanto, embora o resultado obtido nessa variável possa ter sido influenciado pela pergunta do questionário morfossintático do Projeto ALiB, é real o condicionamento da variante *relato próprio* ao pronome *tu*.

3.4.5 Tipo de Referência

Quanto ao tipo de referência realizada pelos informantes de Amargosa, *você* demonstrou ser condicionado pela realização de referências genéricas.

Tabela 22: A variação *tu/você* quanto à Referência na fala popular de Amargosa

REFERÊNCIA	VOCÊ	TU
Genérica	90,7%	9,3%
Específica	78%	22%

De acordo com o que é exposto na Tabela 22, é possível inferir que a variante *genérica* condiciona fortemente o pronome *você*, apontando 90,7% dos dados. Como foi possível conferir na pesquisa de Nogueira (2013), em Feira de Santana, essa variante demonstrou ser um fator muito forte na escolha dos informantes também; *você* foi categórico em referências genéricas, tanto na fala de feirenses, quanto no falar soteropolitano.

Em Amargosa, os indivíduos utilizam o pronome *tu* muito mais em referências específicas, totalizando 22% dos usos. Fato que nos remete à questão já levantada: a influência do fator intimidade nas escolhas entre *tu* ou *você*. Tal como foi exposto em (55), os falantes do município de Amargosa tendem a utilizar o pronome *você* ao realizarem referência a alguém menos íntimo ou a alguma personalidade genérica, ao contrário de situações em que se referem a pessoas mais próximas, conseqüentemente, personalidades específicas.

3.4.6 Tipo de Enunciado

A variável *Tipo de Enunciado* apresentou *Nocautes* em duas variantes que compunham o grupo. Foram elas: *Afirmação* e *Ordem*, que contabilizaram 100% dos dados de *você*, conforme pode ser conferido na Tabela 23. Portanto, por serem resultados categóricos, e não apresentarem variação, o pacote de programas GoldVarb descartou esses fatores.

Tabela 23: A variação *tu/você* quanto ao Tipo de Enunciado na fala popular de Amargosa

ENUNCIADO	VOCÊ	TU
Narração	87%	13%
Questionamento	54,5%	45,5%
Declaração	87,5%	12,5%
Afirmação	100%	0%
Advertência	50%	50%
Ordem	100%	0%

Você demonstrou, na fala amargosense, ser condicionado pelo enunciado em que o informante declara ou anuncia algo, tal como é ilustrado em (78); a variante *Declaração* apresentou um total de 87,5% de preferência na fala popular de Amargosa.

(78) “Você vai passar de ano” (AMG/12/W/3/F)

O segundo fator mais relevante na escolha pelo pronome *você*, foi o *Narração*, considerado quando o informante narra, descreve ou instrui algo, tal como é permitido verificar em (79), com 87% dos dados, pouco menos que a variante *Declaração*, demonstrando, portanto, que também é um forte condicionante de *você*.

(79) Quando VOCÊ imagina uma criança de quatro anos... (AMG/03/W/3/M)

A variante *Advertência* atua de igual maneira entre *tu* e *você*, totalizando 50% dos casos para ambos os pronomes. Portanto, não parece influenciar a escolha por um pronome ou outro, mostrando-se um fator neutro.

Tu aparenta ser mais utilizado em situações em que o enunciado configura-se em questionamento, contexto ilustrado em (80), com 45,5% dos dados, tal como é possível conferir na Tabela 23.

(80) *Tu* num sabe o que é não? (AMG/04/W/1/F)

Supomos inicialmente que, em Amargosa, a variante *Narração* seria um forte condicionante para a escolha pelo pronome *tu*, mas tal hipótese, como foi possível notar, não foi comprovada.

3.4.7 Sexo

Assim como demonstrado na quantificação dos dados totais (resultante das coletas em Salvador e Amargosa), a variável *Sexo* não demonstrou influenciar na escolha por um pronome ou outro. De certo modo, esse resultado confirmou a hipótese levantada no início dessa pesquisa, de que em Amargosa, a diferença na fala entre Homem e Mulher não seria evidente, em razão de a variação estar predominantemente na diatopia (Amargosa vs. Salvador).

Tabela 24: A variação *tu/você* quanto à variável Sexo na fala popular de Amargosa

SEXO	VOCÊ	TU
Homem	85%	15%
Mulher	79,6%	20,4%

As porcentagens resultantes da quantificação dos dados de *tu* e *você* quanto à variável Sexo são muito próximas. *Você*, na fala masculina, está presente em 85% das ocorrências, ao passo que na fala feminina, esse aparece em 79,6% dos dados. *Tu* parece estar em maior quantidade na fala das mulheres, com 20,4% dos dados, mas esse também não é um resultado relevante, visto que os homens fazem uso de tal pronome em 15% das ocorrências.

3.4.8 Faixa Etária

A variação entre faixas etárias não demonstrou resultado muito significativo com a presença de *tu*.

Tabela 25: A variação *tu/você* quanto à variável Faixa Etária na fala popular de Amargosa

FAIXA ETÁRIA	VOCÊ	TU
I	70,8%	29,2%
III	82,5%	17,5%
IV	93,8%	6,2%

A partir dos dados apresentados através da Tabela 25, podemos inferir que a situação entre os pronome *tu* e *você* em Amargosa se configura em um processo de variação em mudança, já que o uso de ambos os pronomes é realizado de maneira bastante marcante. Como aconteceu em Feira de Santana, na pesquisa de Nogueira (2013), os informantes mais jovens tenderam a utilizar mais o pronome *tu* (em

Amargosa, essa forma pronominal foi indicada em 29,2% das ocorrências), ao contrário dos mais velhos, que propenderam a escolher a forma pronominal *você* em 93,8% dos dados.

Embora essa diferença entre a porcentagem de *você* na fala popular dos amargosenses mais velhos seja muito grande, quando comparada à presença de *tu* na fala dos moradores de Amargosa mais jovens, a gradação de usos de tal pronome é pequena, quando isolados: *Você* na quarta faixa etária está presente em 93,8% das ocorrências, na terceira faixa etária (que é considerada intermediária), esse pronome está marcado em 82,5% dos casos e, por fim, na primeira e mais jovem faixa etária, aparece em 70,8% dos dados.

3.4.9 Escolaridade

Corroborando a hipótese levantada inicialmente, a variável *Escolaridade* não demonstrou interferir na escolha dos informantes do município de Amargosa. Supomos que, por ser uma variação marcada pela diatopia (Amargosa vs. Salvador), a escolaridade não influenciaria na escolha de informantes mais escolarizados ou menos escolarizados.

Tabela 26: A variação *tu/você* quanto à variável *Escolaridade* na fala popular de Amargosa

ESCOLARIDADE	VOCÊ	TU
Ensino Médio	85,6%	14,4%
Ensino Fundamental	76,6%	23,4%

Embora *você* tenha se mostrado mais presente na fala de informantes do Ensino Médio (mais escolarizados), com 85,6% dos dados, de acordo com o que é ilustrado na Tabela 26; e *tu* tenha aparecido em maior quantidade nos dados de falantes do Ensino Fundamental (menos escolarizados), com uma frequência de 23,4% nas ocorrências, a diferença entre as porcentagens resultantes é mínima (85,6% de *você* no Ensino Médio vs. 76,6% de *você* no Ensino Fundamental, e

14,4% de *tu* no Ensino Médio contra 23,4% de *tu* no Ensino Fundamental), o que indica que o fator *Escolaridade* é irrelevante na escolha por *tu* ou *você* nessa pesquisa.

Concluimos, pois, essa análise, ratificando que o pronome *você* se mostrou mais presente na fala popular baiana; inclusive em maior número nas escolhas de falantes do município do interior baiano, Amargosa. Esse se mostrou categórico na cidade de Salvador. Houve ocorrências de *tu* em Amargosa exclusivamente sem a concordância canônica de segunda pessoa, pregada como correta pelas gramáticas tradicionais, registro muito comum no português falado atual.

Esse estudo pode ser expandido, a partir do desenvolvimento de novas pesquisas incluindo a variável *Intimidade*, que se mostrou altamente relevante para as escolhas entre os pronomes *tu* e *você*, aprimorando, assim, os resultados acerca dessa variação. Essa complementação pode ser realizada, dando enfoque ao município de Amargosa, e realizando novas gravações *in loco*; essas, agora, partindo de diálogos estilo D2, através de informantes com diferentes graus de intimidade.

Após todo esse apanhado acerca da variação entre os pronomes *tu/você* em Salvador e Amargosa, apresentaremos as considerações finais desse trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao partirmos da investigação realizada acerca da variação pronominal entre *tu* e *você* nos municípios baianos, Salvador e Amargosa, apresentada neste trabalho, foi possível averiguar quais os fortes condicionantes linguísticos e extralinguísticos que atuam para a realização de um pronome ou outro, a partir da fala de vinte e quatro indivíduos (doze oriundos da capital baiana, e doze nativos do município interiorano).

Você é amplamente utilizado, tanto por falantes soteropolitanos, quanto pelos falantes amargosenses. O total de referência ao pronome *você* nos *corpora* investigados foi de 92,2% de ocorrências contra 7,8% dos dados de *tu*.

O pronome *você* foi escolhido categoricamente pelos informantes do *corpus* constituído na capital baiana; havendo, portanto, efetiva variação entre *tu* e *você* no município de Amargosa.

Os resultados da primeira rodada dos dados pelo pacote de programas GoldVarb apresentou três *Nocautes*; esses foram as variantes *Ordem* e *Afirmação*, os quais faziam parte da variável *Tipo de Enunciado*; e a variante *Salvador*, que compunha, juntamente com a variante *Amargosa*, a variável *Localidade*. Tais *Nocautes* precisaram ser dispensados por apresentarem 100% de ocorrências do pronome *você*.

A segunda rodada realizada pelo programa GoldVarb já apresentou a “melhor rodada”, composta pelas variáveis consideradas, pelo sistema, como mais relevantes para a variação do fenômeno estudado, com seus respectivos pesos relativos.

As variáveis selecionadas foram: *Tipo de Frase*, *Tipo de Discurso*, *Tipo de Referência* (variáveis linguísticas); além de *Faixa Etária* e *Escolaridade* (variáveis extralinguísticas).

Confirmando a nossa hipótese levantada ao iniciarmos essa pesquisa, as frases declarativas demonstraram condicionar o pronome *você*, apresentando peso relativo .53, enquanto a escolha por *tu* pareceu ser influenciada pelas frases não declarativas, visto que *você* apontou peso relativo .33 nesse tipo de frase.

Quanto ao *Tipo de Discurso*, ficou evidente que o discurso configurado por *relato de outrem* condiciona fortemente o pronome *você*, com peso relativo .72,

confirmando a nossa hipótese inicial; enquanto, o *relato atual* demonstrou desfavorecer tal pronome, exibindo peso relativo .41; conseqüentemente demonstrando favorecer a escolha por *tu*. Imaginávamos que a forma pronominal *tu* seria condicionada, entretanto, em situações de *relato próprio*; portanto, tal hipótese foi refutada.

A suposição inicial de que o pronome *você* seria mais utilizado em referências genéricas, enquanto *tu*, por sua vez, estaria mais presente em referências específicas, foi ratificada. Os falantes baianos optaram por *você* em referências genéricas em uma frequência muito maior do que optaram pelo *tu*, resultando em peso relativo .71. Quanto à variante *Específica*, *você* apresentou peso relativo .35.

A variação entre os pronomes *tu* e *você*, na fala popular baiana, explicitou estar em um processo de mudança em curso, especificamente em Amargosa, visto que, nessa pesquisa, não há variação pronominal no *corpus* levantado em Salvador. A quarta faixa etária (65 anos ou mais) apresentou peso relativo .75, enquanto a terceira faixa etária (45 a 55 anos) exibiu peso relativo .53, e a faixa etária um obteve peso relativo .27 quanto ao uso de *você*.

Os pronomes *tu* e *você* recebem estigma social: *você* é mais valorizado pelos falantes baianos, enquanto *tu*, por ser marca de um falar interiorano e julgado como de menor prestígio, é visto como “menos correto/bonito”. Esse fato pode ser observado, inclusive, quando analisamos os resultados da variação *tu/você* quanto ao fator *Escolaridade*. Confirmando a nossa hipótese inicial, *você* está mais presente na fala de indivíduos mais escolarizados (com ensino médio), com peso relativo .56; e em menor frequência nas escolhas de falantes menos escolarizados (de ensino fundamental), com peso relativo .38.

Tendo em vista que não houve variação na fala soteropolitana, realizamos uma terceira rodada pelo programa GoldVarb com apenas dados coletados em Amargosa, e encontramos 82,4% de dados de *você*, contra 17,6% de ocorrências de *tu* na região.

O resultado mais interessante na quantificação de dados em Amargosa se deu na variável *Tipo de Discurso*: exclusivamente quando em *relato próprio*, *tu* excedeu os dados de *você* (diferentemente do comportamento desse em relação às demais variantes, considerando todas as variáveis elencadas no decorrer da pesquisa), com 62,5% de ocorrências. Em Amargosa, portanto, quando isolados os dados, nossa hipótese de que *tu* seria fortemente condicionado pelo *relato próprio*

foi corroborada. *Você* se manteve em grande quantidade quando presente em *relato de outrem* (com 72,4%), porém, em *relato atual* demonstrou ainda maior frequência: 84,7%.

Um fator que se mostrou muito importante na escolha entre *tu* e *você* na fala popular de Amargosa, foi a variável *Intimidade*; não analisada nessa pesquisa, por falta de tempo hábil para tais análises. Porém, foi muito observada no decorrer das gravações e levantamento dos dados.

Tu demonstrou ser muito mais frequente em Amargosa do que foi possível registrar nas gravações, visto que o método de entrevista sociolinguística pode ter inibido e influenciado na automonitoração da fala dos informantes. Mas esses, ao se referirem a pessoas próximas, demonstraram usar o pronome *tu* em lugar de *você* com bastante facilidade, evidenciando que o grau de intimidade entre locutor e interlocutor é um forte condicionante desses usos.

Os resultados dessa pesquisa se assemelham aos resultados obtidos por Nogueira (2013) no município de Feira de Santana, também na Bahia, que realizou escutas extraoficiais e constatou que os pronomes *tu* e *você* coexistem e são condicionados, entre outros aspectos, pelo grau de intimidade entre os falantes.

Por conseguinte, esse estudo pode ser ampliado a partir de novas gravações, agora com discursos estilo D2, entre informantes com diferentes níveis de proximidade, a fim de analisar a influência desse fator no processo de variação pronominal na fala amargosense.

Ao concluir essa pesquisa, julgamos que os resultados aqui apresentados, se configuraram importantes, visto que não havia estudo anterior quanto a esse fenômeno em Amargosa. Portanto, ambicionamos que tal trabalho venha a contribuir com os futuros projetos sobre a variação entre *tu* e *você* na Bahia, e colabore para uma melhor compreensão acerca do funcionamento da variação entre os pronomes de segunda pessoa na fala, especificamente, na cidade do interior do estado, aqui analisada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. "Por onde tá 'o tu'?" no português falado no Maranhão. **Signum: Estudos da linguagem**. Londrina, PR, v. 15, n. 1, p. 13-31, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11776/11181> >. Acesso em: 10 mai. 2016.
- BAGNO, M. Preconceito linguístico. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 2. ed. Campinas: Editora Pontes, 1988.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CAMPOY, Juan Manuel Hernández; ALMEIDA, Manuel. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005.
- CARDOSO, Suzana Alice M. **Caminhos dos pronomes pessoais no português brasileiro**: considerações a partir e dados do projeto ALiB. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/09_3.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 40. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.
- COSTA, Lairson Barbosa da. **Variação dos pronomes "tu"/"você" nas capitais do Norte**. Belém, 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DETTONI, Rachel do Valle. *et al.* Projeto de variação linguística no Centro-Oeste (VALCO). **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo, SP, v. 56, n. 3, p. 807-833. 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/issue/viewIssue/449/69>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

DEUS, Viviane Gomes de. **Você ou tu? Nordeste versus Sul : o tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir de dados do Projeto ALiB / Viviane Gomes de Deus**. 2009. 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/8422/1/Viviane%20Gomes%20de%20Deus.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

DÓREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas**. Salvador: EDUFBA, 2006.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A Dialetoлогия no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. **Varição pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC**. 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2011. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/32629/R%20-%20T%20-%20LUCELENE%20TERESINHA%20FRANCESCHINI.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 set. 2016.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. A variável sexo/gênero e o uso de tu/você no sul do Brasil. **Signum: Estudos da linguagem**. Londrina, PR, v. 18, n. 1, p. 182-205, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/20205/16677>>. Acesso em: 20 set. 2016.

GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. As comunidades de fala, as redes sociais e as comunidades de prática: uma reflexão sociolinguística. **Web-Revista Sociodialeto**. Campo Grande, MS, v. 4, n. 11, p. 101-115, 2013. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/16/10012014012413.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

GOMES, Valeria Severina; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação entre formas dos paradigmas de tu-você em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX. **Revista do GELNE**. Natal, RN, v. 16, n. 1 e 2, p. 19-45. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11626>>. Acesso em: 22 set. 2016.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Principios del cambio lingüístico**. v. 2: Factores sociales. Tradução de Pedro Martín Butragueño. Madrid: Gredos, 2006.

LOPES, Célia Regina dos S.; DUARTE, Maria Eugênia L. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo; MOTA, Maria Antónia. (Org.). **Análise contrastiva de variedades do português**: primeiros estudos. Rio de Janeiro, 2003, v. 1, p. 61-76.

LOPES, Norma da S.; SOUZA, Constância M. B. de; SOUZA, Emília H. P. M. de. **Um estudo da fala popular de Salvador**: PEPP. Salvador: Quarteto, 2009.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. **Revista Estudos Linguísticos**. v. 4, p. 362-367, 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/alternancia-tu-voce-411.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MENON, Odete Pereira da Silva. Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, RS, v. 35. n. 1, p. 121-164, 2000. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14762/9828>>. Acesso em: 05 out. 2016.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luíza (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje**. 4. ed. Barcelona: Ariel Letras, 2009

MOTA, Jacyra; PAIM, Marcela; ROLLEMBERG, Vera (Org.). **A linguagem falada culta na cidade do Salvador**: materiais para seu estudo. Salvador: Vento Leste, 2011.

MOTA, Maria Alice. **A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no português oral de São João da Ponte (MG)**. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AIRR-7DHJPA/mariaalice_mota_diss.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 fev. 2016.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NETO, Raul Lomanto. A “Região de Amargosa”: olhares contemporâneos. In: GODINHO, Luis Flávio R.; SANTOS, Fábio Josué S. (Org.). **Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade**. Amargosa: Ed CIAN, 2007.

NOGUEIRA, Francieli Mota da S. B. **Como os falantes de Feira de Santana e Salvador tratam seu interlocutor?**. 2013. Disponível em: <<http://www.ppglinc.letras.ufba.br/sites/ppglinc.letras.ufba.br/files/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Francieli%20Nogueira.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2014.

PERES, Edenize Ponzo. De "vossa mercê" a "cê": os processos de uma mudança em curso. **Revista (Con)Textos Linguísticos**. Vitória, ES, v. 1, n. 1, p. 155-168, 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5100/3832>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

REBOUÇAS, Jaqueline Argolo. **(Re)Criando identidades: Amargosa, de pequena São Paulo à cidade jardim (1930 A 1950)**. Dissertação, Universidade do Estado da Bahia, SAJ, Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, 2013

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A variação “tu” e “você” no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo, SP, v. 57, n. 2, p. 545-576, 2013. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4912/4674>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *et al.* Tu, Você, Cê e Ocê na variedade brasiliense. **Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**. São Paulo, SP, v. 21, p. 117-134, 2011. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1698/1509>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

SEVERO, Cristiane Gorski. **A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões**. Disponível em: <www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/9/92.pdf> Acesso em: 20.jan.2012.

SILVA, Ivanilde da. **Em terras de você o natural é misturar pronomes de segunda pessoa do singular: estudos dos pronomes tu e você no Português Popular do Brasil**. 2015. 325 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22122015-095409/pt-br.php>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

TAVARES, Luís Henrique Dias. **História da Bahia**. 11 ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

TEXEIRA, Eliana Sandra Pitombo; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. A indeterminação do sujeito no português angolano: uma comparação com o

português do Brasil. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**. São Paulo, SP, v. 21, n. 1, p. 99-111, 2011. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1722/1533>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

VALÉRIA, Severina Gomes; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação entre formas dos paradigmas de tu-você em cartas pernambucanas dos séculos xix e xx. **Revista do GELNE**. Natal, RN, v. 16, n. 1/2, p. 19-45, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9153>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. (trad. de Marcos Bagno). São Paulo: Parábola, 2006.

APÊNDICES

APÊNCICE 01

Guia-questionário utilizado nas gravações em Amargosa-Ba

TEMAS - FAIXA ETÁRIA I

- 1) A infância vivida;
- 2) A adolescência;
- 3) Fatos que marcaram a infância/adolescência;
- 4) Bons lugares para visitar na cidade;
- 5) Programas/passeios.
- 6) Como se dirige a um amigo.
- 7) Conhecimentos sobre simpatia, receita de comida típica, formas de ganhar o próprio sustento.

PERGUNTAS - FAIXA ETÁRIA I

- 1) Me conte um pouco sobre você.
- 2) Como foi a sua infância? Você foi uma criança levada?
- 3) Já recebeu muitos castigos?
- 4) Como foi o período da adolescência? Quando começou a namorar, teve algum problema?
- 5) Conte algum fato que marcou a sua infância ou adolescência.
- 6) Que lugares eu posso visitar para conhecer melhor a cidade?
- 7) Quais programas você faz para se divertir aqui? Quais eu poderia fazer?
- 8) E como eu faço para chegar a esses lugares?
- 9) Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?

10) Conhece alguma simpatia (para tirar verruga)? [Conhece alguma receita de uma comida típica daqui?] [Como se faz aqui para ganhar o próprio sustento?]

TEMAS - FAIXA ETÁRIA II E III

- 1) A vida antiga e atual em Amargosa;
- 2) Situação marcante vivida quando criança ou adolescente;
- 3) Os castigos das diversas épocas/o castigo que marcou;
- 4) Comportamento das crianças e adolescentes de hoje;
- 5) Lugares bonitos da cidade e o que mudou;
- 6) Como se dirige a um amigo.
- 7) Conhecimentos sobre simpatia, receita de comida típica, formas de ganhar o próprio sustento.

PERGUNTAS - FAIXA ETÁRIA II E III

- 1) Me conte um pouco sobre você, sua infância/adolescência.
- 2) Você foi uma criança levada? Recebeu muitos castigos?
- 3) O que tem de diferente entre os castigos de hoje e os da sua época?
- 4) As crianças de hoje são diferentes da criança que você foi? O que acha sobre isso?
- 5) Tem alguma situação que marcou a sua infância/adolescência?
- 6) Amargosa mudou muito? O que tem de diferente hoje em dia?
- 7) Que lugares posso visitar aqui na cidade? Como faço para chegar lá?
- 8) Vocês têm algum prato típico aqui ou algum que goste de fazer?

9) Qual a receita desse prato? Como posso fazer?

10) Quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?

11) Conhece alguma simpatia (para tirar verruga)? [Como se faz aqui para ganhar o próprio sustento?]

APÊNDICE 02

Termo de consentimento para as entrevistas em Amargosa-Ba



Universidade Federal da Bahia - UFBA
Programa de Pós Graduação em Língua e Cultura - PPGLinC

TERMO DE CONSENTIMENTO

As informações contidas neste documento, fornecidas por Lorena Cristina Ribeiro Nascimento, têm por objetivo firmar acordo escrito com o(a) voluntário(a) para participação da pesquisa sobre a cidade de Amargosa e seus costumes, autorizando a sua participação no trabalho acadêmico. A referida pesquisa tem por finalidade estudar os costumes da cidade baiana através de conversa com moradores da região. Ao participar deste estudo, você deverá autorizar a gravação da conversa com a pesquisadora, tendo plena liberdade para se recusar a participar da pesquisa em qualquer momento do processo. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, os dados do(a) voluntário(a) serão representados por códigos, mantendo o seu nome em sigilo. Ao participar desta pesquisa, o(a) voluntário(a) não terá benefício direto, mas esperamos, com este estudo, contribuir com informações importantes sobre Amargosa, comprometendo-nos a divulgar os resultados obtidos.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir a sua participação nesta pesquisa. Portanto, pedimos que preencha os itens a seguir:

Eu, _____, aceito participar da referida pesquisa, assim como autorizo a gravação do que for conversado com a pesquisadora Lorena Nascimento.

_____, _____ de _____ de 20____

Pesquisadora

Voluntário(a)

APÊNDICE 03:

Codificação das variantes

VARIANTES	CÓDIGOS
VARIÁVEL DEPENDENTE	
Tu	t
Você	v
VARIÁVEIS INDEPENDENTES INTERNAS	
Função Sintática	
Sujeito	s
Não sujeito	n
Tempo Verbal	
Passado	p
Não passado	f
Tipo de frase	
Declarativa	B
Não declarativa	U

Tipo de discurso	
Atual	a
Relato de outrem	r
Relato próprio	l
Tipo de referência	
Específica	E
Genérica	G
Tipo de enunciado	
Narração	I
Declaração	D
Ordem	O
Questionamento	Q
Advertência	V
Afirmação	C
VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTERNAS	
Sexo	
Homem	H

Mulher	W
Faixa Etária	
I	1
III	3
IV	4
Escolaridade	
Fundamental	F
Média	M
Localidade	
Salvador	S
Amargosa	A

ANEXO

ANEXO 01

Ficha cadastral utilizada nas gravações em Amargosa-Ba

FICHA CADASTRAL

Inf. Nº _____

Data ___ / ___ / ___

1) Nome

2) Local de Nascimento (caso não seja de Amargosa, dizer quando se mudou)

3) Data De Nascimento ___ / ___ / ___

4) Naturalidade do Pai (caso não seja de Amargosa, dizer quando se mudou)

_____ Profissão do pai

5) Naturalidade da Mãe (caso não seja de Amargosa, dizer quando se mudou)

_____ Profissão da mãe

6) Nível de Escolaridade _____ Formação (instituição)

7) Local de Trabalho _____ Atividade Que Desenvolve

8) Com quem mora: Mulher () / Marido () / Mãe () / Filhos () / Outro (especificar) _____

9) Se é/ já foi casado (a), ou tiver companheiro (a), apresentar seus dados:
Naturalidade _____ (caso não seja de Amargosa, dizer a sua naturalidade e quando mudou)

_____ Nível de Escolaridade

_____ Tempo de Convivência _____

Profissão do Companheiro _____

10) Filhos (prenome e escolaridade de cada um)

11) Divertimentos: Numerar de acordo com a preferência e maior frequência: (do menos (1), para o mais praticado (5); Marcar com zero aquele(s) que nunca preenche(m) suas horas vagas)

() cinema () viagens para cidades vizinhas
(dizer qual ou quais) _____

() teatro () viagens para outros estados (dizer qual ou quais) _____

() televisão () jogos (especificar)

() barzinho com amigos () outro (s)

12) Viagens feitas (dizendo duração e finalidade)

13) Residência

Telefone Residencial _____ Telefone Celular

14) Grau de intimidade com o inquiridor: () Grande; () Médio; () Pequeno
(especificar) _____

15) Outras Informações: